

PERNÉO

Do lado
esquerdo

do
meu
Peito

Mora
algo que
o direito
desconhece

PEDRO VASCONCELOS

CARTA DOS EDITORES

Passe por qualquer esquina no centro da cidade do Recife. Lá está a poesia de Miró. Atravesse qualquer rua da periferia dessa mesma cidade e você corre o risco de tropeçar nos versos que Miró distraidamente deixou cair pelo caminho. Enquadre a paisagem dessa cidade e seus bairros da janela de qualquer linha de ônibus: o que se vê em cena é a melancolia, boemia, dor e alegria caótica que, no exercício catalisador do poeta, ganham corpo em suas palavras. O Recife é uma extensão de Miró na mesma medida em que Miró é um prolongamento material das texturas e cheiros da cidade. O que sai da relação entre esses dois é algo da ordem tanto do sentido quanto da presença. Ou seja, o corpo do poeta, inscrito por essas ruas e esquinas, é também sua poesia. Ao longo de quatro semanas em que o jornalista Igor Gomes acompanhou os passos de Miró, aquele que não consegue andar um quarteirão sem ser carinhosamente interpelado por alguém, o que se vê é um homem cujos conflitos, forças e fraquezas se diluem em líquidos diversos: rios e conhaques.

A umidade do Recife, ora passando por debaixo da ponte ora na beirada do copo, atravessa seu trabalho. Prestes a lançar seu mais novo livro editado pela Mariposa Cartonera, *O penúltimo olhar sobre as coisas*, Miró é exceção à regra do mercado editorial. Sua última obra, *aDeus*, vendeu cerca de três mil exemplares em menos de um ano, algo absolutamente excepcional para um livro de poesia editado bem longe do eixo das editoras Rio-São Paulo. É preciso olhar e ler Miró mais uma vez. Nossa capa, que traz o ensaio fotográfico de Pedro Vasconcelos, é uma tentativa de se fazer isso. Ainda nesta edição, destaque para questões éticas que a literatura nos dá: o apagamento dos rastros da História do Brasil (texto de Ivan Marsiglia sobre o romance *Cabo de guerra*, de Ivone Benedetti), o racismo estrutural que desemboca nas festas literárias (texto de Allan da Rosa sobre a branquura da *Flip*) e o machismo na gênese de nossas mitologias (texto de Carolina Leão sobre a dominação masculina na narrativa ocidental). É tempo (e há tempo) de se ler a urgência do mundo. **Uma boa leitura a todas e todos.**

COLABORAM NESTA EDIÇÃO



Allan da Rosa, escritor, angoleiro e arte-educador popular com prisma preto e periférico. Historiador, mestre e doutorando em Educação pela USP



Ivan Marsiglia, escritor, autor de *A poeira dos outros*; roteirista de documentários e ex-editor do caderno *Aliás*, do *Estadão*



Pedro Vasconcelos, fotógrafo que volta a colaborar com o *Pernambuco* a partir de um ensaio com o poeta Miró

André de Leones, escritor e vencedor do prêmio Sesc Literatura de 2005. **Carolina Leão**, jornalista, doutora em Sociologia pela UFPE e astróloga. **Igor Gomes**, jornalista, autor da capa desta edição. **Laura Erber**, crítica de arte, artista plástica e escritora. **Yasmin Taketani**, jornalista.

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador
Raul Henry

Secretário da Casa Civil
Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente
Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

PERNAMBUCO

Cepe
EDITORA

Uma publicação da Cepe Editora
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
Pernambuco – CEP: 50100-140

Redação: (81) 3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

SUPERINTENDENTE DE PRODUÇÃO EDITORIAL
Luiz Arrais

EDITOR
Schneider Carpeggiani

EDITORA ASSISTENTE
Carol Almeida

DIAGRAMAÇÃO E ARTE
Hallina Beltrão, Janio Santos e Maria Luísa Falcão

TRATAMENTO DE IMAGEM
Agelson Soares

REVISÃO
Maria Helena Pôrto

COLUNISTAS
José Castello, Marco Polo, Mariza Pontes e Raimundo Carrero

PRODUÇÃO GRÁFICA
Júlio Gonçalves, Eliseu Souza, Márcio Roberto, Joselma Firmino e Sôstenes Fernandes

MARKETING E VENDAS
Daniela Brayner, Rafael Chagas e Rosana Galvão

E-mail: marketing@cepe.com.br
Telefone: (81) 3183.2756

SUA REVISTA DE CULTURA
AGORA, TAMBÉM,
NA VERSÃO DIGITAL.



A revista *Continente* completa 15 anos com uma novidade pioneira no Nordeste: ganhou versão digital. Isso significa que, agora, você também tem a melhor informação sobre arte, cultura, história e comportamento no seu tablet. Tudo com interatividade e conteúdos extras de vídeo e áudio. Faça o download do app Revista *Continente* e tenha acesso, gratuitamente, às edições #171 e #172 para navegar e experimentar.



ASSINATURA ANUAL R\$ 150,00 IMPRESSA + DIGITAL

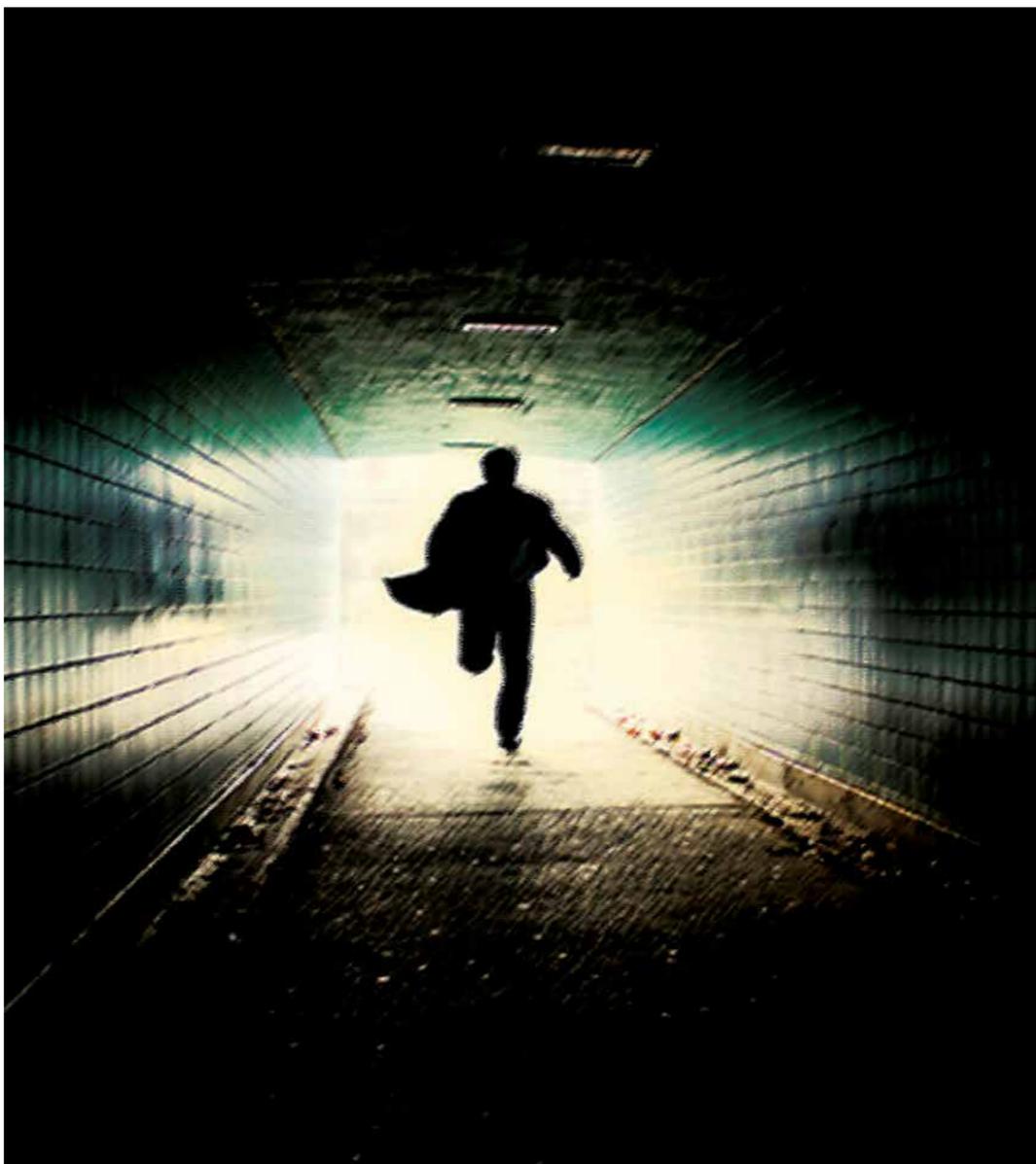
revistacontinente.com.br | f/revistacontinente | @revistacontinente | revistacontinente

BASTIDORES

A fuga como um ponto de inflexão

Em seu novo romance, autor faz com que personagem fuja da armadilha de ser mais uma peça na engrenagem corrupta da República

HALLINA BELTRÃO



André de Leones

Há uma caixa de papelão sob a minha escrivaninha. Fuço nela até encontrar um caderno de capa branca, de 27x19cm, com 195 folhas pautadas. Está dentro de um envelope enorme no qual se lê: “Abaixo do paraíso – originais”. O envelope está abarrotado de outros papéis, manuscritos e impressos, e todas essas coisas correspondem aos dois anos que passei escrevendo *Abaixo do paraíso*, meu quinto romance, lançado há poucos meses pela editora Rocco.

Entre janeiro de 2013 e janeiro de 2015, muito embora tenha feito várias outras coisas, profissionalmente e não, posso dizer que a maior parte da minha atenção foi absorvida pela escrita do romance. Não é um processo linear. Nunca é. Há avanços e recuos, dias bons e dias ruins, períodos produtivos alternando-se com semanas estéreis, e até momentos em que cogito comprar o *Jornal dos Concursos* e ver o que há lá fora, no “mundo real” – não há nada; não para mim, pelo menos.

No caderno, há anotações e esboços de várias passagens. As anotações dizem respeito a um tatear. Quando as faço, ainda não sei direito como será o romance. Elas são imprescindíveis na medida em que, sempre, só descubro que livro vou escrever ao colocar as ideias iniciais, por mais vagas que sejam, assim por escrito. Com o tempo, a trama, os personagens, o tom, tudo adquire contornos mais precisos, e então me ponho a escrever o romance propriamente dito.

O processo costuma ser longo, até por essa mania de escrever à mão (só passo ao computador após terminar uma primeira versão), mas não sei se conseguiria fazer de outro jeito. Ele exige uma desaceleração e uma desconexão que, para um escritor vivendo no acelerado e hiperconectado século XXI, são muito bem-vindas, na minha opinião.

Algo que salta aos olhos quando folheio os cadernos nos quais comecei a escrita de todos os meus livros é o quanto as premissas originais, as primeiras ideias, vão pelos ares à medida que o trabalho se desenvolve. Por exemplo: a sinopse que tracei no dia 31 de janeiro de 2013 sob o título *Abaixo do paraíso* não tem quase nada a ver com o romance homônimo

que chegou às livrarias mais de três anos depois. Era uma história bastante obscura, que envolvia parricídio, fuga, abandono, e se passava na zona rural de Goiás, meu estado natal. Uma história que talvez eu ainda escreva. Mas, depois, ao colocar o ponto final no livro, tinha em mãos algo bem diferente, embora ainda envolvesse uma fuga e se situasse, em parte, no interior goiano. Em vez de um sujeito planejando e executando o assassinato do pai, as sucessivas reescritas transformaram o protagonista em alguém acolhido na casa onde cresceu, lidando com um retorno nem sempre saudável, mas dolorosamente necessário ao seio familiar.

Cristiano, o protagonista, é um criminoso, alguém que passou anos a serviço de políticos corruptos, desempenhando tarefas ilícitas. Ele é mais uma peça na engrenagem imunda da nossa República. A certa altura, perde a cabeça ao executar um servicinho rotineiro e precisa fugir. Longe de acelerar a narrativa, a fuga serve como um ponto de inflexão. A maior dificuldade que tive foi proceder essa mudança de tom sem quebrar o romance ao meio.

Nas primeiras versões, tudo era abrupto e eu não conseguia suavizar a passagem de uma coisa à outra. Foram meses testando novas estruturas, invertendo capítulos, alterando a ordem dos acontecimentos, até que um dia peguei aquele caderno em que começara tudo e me deparei com uma anotação de 17 de setembro de 2013: “A ideia de um purgatório narrativo. Este lugar, os ‘entremeios’. Encontrar um modo de narrar sempre a uma certa ‘altura’; fosse um filme, seria inteirinho de planos médios ou americanos. Nada de planos gerais ou closes. Desenvolver mais o capítulo de abertura. Tornar isso um método ou maneira de enfocar ações e personagens: capítulos longos, amplamente descritivos, com diálogos centrais, isto é, que resumam o que está em jogo (...), o que virá”.

Então, ocorreu-me que a chave sempre esteve ali: Cristiano. Ele seria a “altura” a me orientar. Se eu compaginasse a narrativa ao personagem, sem abrir mão da terceira pessoa, quaisquer mudanças de ritmo poderiam ser melhor trabalhadas. Reescrevi com isso em mente. E, em meados de 2014, quase um ano e meio depois de começar, encontrei o romance que buscava.

RESENHA

Adestramento autoritário do homem-cão

Novo romance de Ivone Benedetti se articula com desmemórias nacionais

Ivan Marsiglia



No dia 29 de abril de 2010, o Supremo Tribunal Federal rejeitou o pedido de revisão da Lei da Anistia feito pela Ordem dos Advogados do Brasil, que pretendia tirar do guarda-chuva de proteção da lei agentes da repressão que praticaram sequestros, torturas, estupros, assassinatos, além de ocultação continuada de cadáveres. Votada em 1979, em plena vigência da ditadura (1964–1985), por um Congresso ainda manietado pelos militares, a lei desconsidera o caráter imprescritível dos chamados crimes contra a humanidade e passa por cima de acordos internacionais assinados pelo país.

Em um daqueles lances que parecem corroborar a frase de Einstein segundo a qual “Deus não joga dados com o universo”, coube ao ministro Eros Grau a relatoria do caso. Ex-militante, na juventude, do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Grau fora ele próprio violentamente torturado em 1972 nos porões do DOI-Codi. Surpreendentemente, porém, abriu caminho com seu relatório para o placar de 7 a 2 que manteria o estado de coisas que impede até hoje a punição, e mesmo o julgamento, de envolvidos com violações graves de direitos humanos durante o regime autoritário. “Era ceder e sobreviver ou não ceder e continuar a viver em angústia. Em alguns casos, nem mesmo viver”, justificou o ministro, em seu longo e torturante voto: “O que se deseja agora? Que a transição tivesse sido feita, um dia, posteriormente ao momento daquele acordo, com sangue e lágrimas, com violência? Todos desejavam que fosse sem violência, estávamos fartos de violência”. Como desde 1964, o medo da violência triunfou sobre o direito.

O jurista Fábio Konder Comparato, autor do pedido então apresentado pela OAB, conta ter ouvido de um dos ministros do STF, nos bastidores do julgamento, que a pressão pela manutenção da lei feita pelo Palácio do Planalto “beirava o insuportável”. As Forças Armadas teriam feito

saber ao presidente à época, Luiz Inácio Lula da Silva – outro que esteve preso no DOPS em 1980 –, que a tranquilidade de seu mandato dependia disso. Fato que explica os constantes embates entre o seu ministro dos Direitos Humanos, Paulo Vanuchi, e o da Defesa, Nelson Jobim, que resultaram tanto na frouxidão das buscas por desaparecidos da Guerrilha do Araguaia, mesmo depois de exigida pela Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA, quanto no impasse que culminou na sintomática supressão da palavra *Justiça* do nome originalmente proposto para a Comissão Nacional da Verdade (instituída só em 2012, já no governo Dilma Rousseff).

E, assim, na contramão das supremas cortes dos vizinhos Argentina, Uruguai e Chile, que durante a redemocratização revisaram as leis de anistia impostas no período do arbítrio, optamos pelo conhecido “deixa disso” brasileiro. Ou, na construção elegante do ministro Cezar Peluso, outro que votou contra, “se é verdade que cada povo resolve seus problemas históricos de acordo com a sua cultura, com os seus sentimentos, com a sua índole e também com a sua história, o Brasil fez uma opção pelo caminho da concórdia”. Registrem-se, para essa mesma história, os votos dissidentes de Ricardo Lewandowski e Carlos Ayres Britto, que não endossaram o acordão – perdão, acórdão.

É desse tipo de concórdia, de uma justiça de reparação que pode ser enunciada, mas nunca vivida, que trata o novo romance de Ivone Benedetti, *Cabo de guerra* (Boitempo, 2016). Ele se insere no ainda incipiente gênero de ficção brasileira sobre os anos de chumbo, no qual se destaca o extraordinário *K. – Relato de uma busca* (Expressão Popular, 2011), de Bernardo Kucinski. O narrador é o varão mimado de uma família de engenho decadente de Nazaré, na Bahia, que, após uma tragédia doméstica, resolve tentar a sorte, um tanto a esmo, na São

ARTE SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Morto no DOI-CODI estava preso há apenas 24 horas

Exército Domina a Situação e Conciama
O Povo Brasileiro a Manter-se em Calma

Decretado o recesso do Congresso Nacional
GOVERNO BAIXA NOVO ATO

Paulo da década de 1960. Lá, esse personagem sem nome, submisso e desprovido de iniciativa ou de paixões – “um protagonista com vocação para coadjuvante”, como já se escreveu a respeito –, encontra a metrópole politicamente polarizada do pós-golpe. Casualmente, enturma-se, sem convicções, com a militância de esquerda, cai e por fraqueza de espírito e instinto de sobrevivência acaba aderindo à repressão.

É assim que esse cão sem dono torna-se um “cachorro”, como eram chamados os agentes infiltrados nas organizações subversivas, encarregados de passar informações ao seu controlador na polícia ou no Exército para aniquilá-las. Um personagem aparentemente inspirado no delator José Anselmo dos Santos, o Cabo Anselmo, com direito a uma referência ao torpe episódio do assassinato, em 1973, da noiva de Anselmo, Soledad Barrett Viédma, grávida de quatro meses, numa armadilha que ele próprio ajudou a montar.

A tarefa ingrata de manter o leitor atento às divagações de uma figura tão indigna e vacilante ao longo das quase 300 páginas do romance é prova da competência narrativa de Benedetti – que estreou como romancista em *Immaculada* (Martins Fontes, 2009), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e obra cujos personagens percorrem a história brasileira de 1920 a 1964. Em *Cabo de guerra*, a autora retoma o fio da meada de onde parou: o golpe, a redemocratização gradualmente concedida pelos militares nos anos 1980 e a má-digestão do trauma, pelo protagonista e pelo país, na primeira década de 2000.

Entrevado após um derrame e dependente dos cuidados de uma irmã carola que ele despreza, o narrador tenta atribuir algum sentido à própria vida, pontuada desde a infância por surtos alucinatórios, flutuando entre ondas de culpa e autoindulgência, prepotência e complexo de inferioridade.

A tarefa de manter o leitor atento às divagações de uma figura tão indigna é prova da competência de Benedetti

No teto e nas paredes do quarto que ele ainda pode contemplar, projeta-se uma realidade ambígua e de recortes indefinidos um tanto semelhante, fora da ficção e na espantosa vida real brasileira, às impressões que tive ao visitar a família que morava no imóvel de Petrópolis (RJ) que abrigou a famigerada Casa da Morte, centro clandestino de torturas montado pelo Exército nos anos 1970, em agosto de 2012.

Lá, no quarto onde a militante da VAR-Palmares Inês Etienne Romeu, única pessoa a sair viva do local, convalesceu por 40 dias do atropelamento sofrido durante sua captura até estar em condições de ser torturada, o filho do casal engatinhou pela primeira vez. Na cozinha em que Inês era obrigada a preparar nua a comida de seus algozes, o pai costumava montar uma deliciosa lasanha de domingo. O quarto de empregada usado para aplicar choques elétricos e soro da verdade nos

interrogatórios da guerrilheira abrigava então a simpática doméstica da casa. E a lareira, ao lado da qual Inês viu um preso ser executado com um tiro na cabeça, aquecia a família nas noites gélidas da serra fluminense. O imóvel, desapropriado em 2012 pelo governo brasileiro com a promessa nunca realizada de se transformar em museu, traz impregnadas nas paredes as memórias e recalques da sociedade brasileira.

“Nesta manhã de 2009 caio na real: essa história já tem quarenta anos”, reflete, em determinado momento do livro, o cachorro aposentado de *Cabo de guerra*. “É passado. Ou deveria ser. Porque o passado não vivido não passa, fica atormentando, querendo ser chamado de presente, ocupando armários, cadeiras, sempre aí, sempre aqui. Então, tentando apagar essa presença deslocada, a gente revive tudo lembrando, mas quem revive não é a gente, e, sim, o passado, de modo que a gente passa o tempo realimentando o tempo, e isso não acaba nunca.”

Fartos de violência, como o ministro Eros Grau, sufocamos as dores na eterna conciliação à brasileira, na ilusão magnânima de que, esquecendo, deixaremos de nos lembrar. Infelizmente, porém, está aí, em 17 de abril de 2016, 31 anos depois do fim da ditadura, o capitão-deputado Jair Bolsonaro, arreganhando os dentes ao microfone da Câmara para proferir o seu velho – e definitivo – elogio à tortura.

O LIVRO



Cabo de guerra

Autora Ivone Benedetti

Editora Boitempo

Páginas 304

Preço R\$ 54,00

ENTREVISTA

Marcílio França Castro

A hipótese de um realismo oblíquo no exercício da escrita

Novo livro de escritor mineiro trabalha com a ironia que cerca a ideia de realismo e ciência, na intenção de “perturbar o campo das expectativas”, explica ele

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

“Realismo oblíquo” parece um bom termo para falar das ficções de Marcílio França Castro (até por ser uma sugestão do escritor mineiro). É esse ponto de vista fora da curva, a divertir, intrigar e mesmo confundir o leitor, que marca suas recém-lançadas *Histórias naturais* (Companhia das Letras). Mais do que um tema, junta-se a esse olhar a forma breve, sem compromisso de ser conto, mas de ser pertinente a esse tempo e ao texto em si.

Na entrevista a seguir, o autor de *A casa dos outros* (7Letras, 2009) e *Breve cartografia de lugares sem nenhum interesse* (7Letras, 2011, vencedor do prêmio da Fundação Biblioteca Nacional) fala sobre seu processo de criação, renovação na escrita literária e o desafio que o panorama político coloca à literatura.

Por *Histórias naturais* desfila uma variedade de ideias, personagens, pontos de vista e enredos, ao mesmo tempo banais e surpreendentes. Onde se escondem essas histórias, como as encontra?

Essa diversidade decorre em parte da própria proposta do livro, que tem um viés enciclopédico e funciona como uma espécie de compêndio, ainda que de forma desembaraçada, casual. É, pois, deliberada a intenção de explorar vários temas e objetos – sempre com um olhar atravessado, um recorte que tenta fugir ao convencional. As histórias que aí estão provêm de toda parte, de incidentes da vida ou dos livros, e nisso não há nenhuma novidade. Capturá-las é, antes de mais nada, uma questão de atenção ao mundo, de percepção. Por outro lado, cada uma delas é também o resultado de muita pesquisa, de muita escavação e

costura, e, às vezes, de uma perseguição suada (nesse quesito, a internet como ferramenta de pesquisa é fundamental). Se há, porém, um aspecto a ser realçado, um traço que aproxima essas ficções em sua multiplicidade, eu diria que é o ponto de vista – a visão deslocada que, em alguma medida, se impõe como condição da narrativa ou do relato. Acho que esse foi o ponto-chave para mim, a descoberta necessária. Dou um exemplo. Sabe-se que Balzac era um grande endividado, e que ele pagava dívidas escrevendo. Mas a ideia de que ele deixaria de escrever se quitasse suas dívidas é um modo inusitado de encarar o fato. Aí está o pretexto, o ponto de partida para a ficção, que no livro se desenrola sob a ótica de um escrevente de cartório, que também vive às voltas com dívidas. Esse mecanismo desviante, que altera a lógica presumida das coisas, está presente na maioria das ficções do livro. Como o próprio título sugere, as *Histórias naturais* estabelecem um jogo irônico com a ideia de realismo, de ciência, e vão perturbar o campo das expectativas, as fórmulas pré-concebidas, as acomodações. Essa perspectiva torta, enviesada, é que abre a fenda para as histórias. Elas se apresentam estranhas, improváveis, mas não são fantásticas. Gosto de pensar na hipótese de um realismo oblíquo.

O livro se apresenta como um conjunto de “ficções”, não de contos. Começo, meio e fim parecem dar lugar a lacunas e iminências. Considera modelos clássicos insuficientes para escrever hoje?

O conto, de um modo geral, evoca a ideia de uma história condensada, que costuma ter personagens e enredo, e que mantém um segredo, o fio invisível que prende o leitor. Ainda que as possibilidades sejam inúmeras, há um certo modelo embutido aí, uma fórmula que, na literatura contemporânea, acaba sendo precária para designar as invenções mais ariscas, muitas vezes sem história, sem personagens. O termo *conto*, assim, pode dar uma ideia equivocada de certos textos, o que em algum nível também fere a sua recepção. Trata-se de um dilema classificatório, mas que está no cerne da literatura atual: é uma

“ Ao escrever, talvez estejamos lidando sempre com a iminência das formas, ou com uma forma que é sempre iminência

questão para os teóricos, os editores e os bibliotecários, e para os próprios escritores. Quando penso em escrever um texto, uma ficção, agrada-me não saber, ou não determinar de antemão, a forma que se desenhará no final. Pois o que torna uma ficção realizável como texto (ou um texto realizável com ficção) é exatamente a liberdade de encontrar a sua forma. As duas coisas sempre andam juntas. Descolada da ideia comum do conto, a escrita pode conduzir a algo como o comentário, o aforismo, a fábula, pode aparentar-se com uma reportagem, um conjunto de notas, um ensaio, e mesmo um epitáfio ou um escólio. Essa plasticidade, essa insubordinação faz parte, sim, de uma engrenagem contemporânea, mas não constitui novidade. Kafka, por exemplo, produziu textos que são verdadeiras setas de fuga; Borges flertou o tempo todo com os ensaios, as resenhas, as notas de rodapé. Na Antiguidade, foram feitos compêndios, compilações de mitos e fábulas que poderiam muito bem entrar no rol das ficções inclassificáveis. O cenário atual parece alçá-los de volta à luz. Hoje, os textos circulam mais do que nunca, são a todo instante copiados, mutilados, misturados, reaproveitados. A rebelião dos gêneros, dos tipos de texto, parece começar aí. Em sua pergunta, você menciona a ideia de iminência – para mim, ela é fundamental. Ao escrever, talvez estejamos lidando sempre com a iminência das formas, ou com uma forma que é sempre iminência.

Aliás, a mesa da qual você participa na *Flip* anuncia um autor que renova a literatura latino-americana. É uma preocupação ou intenção sua essa renovação?

A força do que escrevemos, a potência renovadora de um autor em relação aos seus antecessores, é dada pela leitura e pelo tempo. Não sei exatamente em que medida consigo fazer isso, mas é certo que de algum modo tento injetar uma dose de ousadia e inconformidade nas coisas que escrevo. Acho importante abrir brechas, diferenças, o que não significa inventar a roda. Um escritor está sempre retomando e quebrando algo que já foi feito. Essa é uma busca autoral, sem a qual, me parece, não há muito sentido em prosseguir. Afinal, a melhor homenagem que podemos prestar aos gênios literários do passado é escrever fora de sua sombra, ou mesmo contra ela.

Entre os personagens, um ator se prende aos tempos do teatro e é ultrapassado pela TV; um datilógrafo argumenta a favor da máquina de escrever; um homem faz o elogio do jogo de futebol narrado no rádio. Por que esse registro do modo como as coisas eram feitas e da busca pelo passado?

Nasci em 1967 e estou prestes a completar 49 anos. Escrevi cartas, usei máquina de escrever, colecionei mapas de papel. Estudei muito rodapé de gramática, tenho vários caderninhos e lápis, e ainda faço inúmeras notas manuscritas. Todo esse aparato moderno, analógico, concreto, está, como

sabemos, desaparecendo ou em vias de desaparecer. Nem estou falando do livro-objeto, que está na berlinda, mas resiste e resistirá, porque não conseguiram superar sua amável tecnologia. Mas o fato principal, arrasador, que atinge de modo mais sensível a todos os que já passaram dos quarenta anos, é a mudança radical que vem ocorrendo no nosso regime de leitura e de escrita. Não se trata de uma mudança qualquer, não é apenas aquele hiato natural entre uma geração e outra, que se dá de forma incessante e sempre machuca os mais apegados ao passado. Trata-se de uma ruptura em escala milenar, puxada pela internet, pela memória monstruosa que vem com a internet, e pelas tecnologias do mundo virtual. Se a carta desapareceu, com ela desapareceu o tempo e a lição da espera, o amor da caligrafia. O jornal que levamos para a cama, soltando tinta, está com os dias contados, se é que já não acabou. Nessa onda, acho que vai embora também um tipo de subjetividade laboriosa, lenta, que é parte da minha formação. Por outro lado, um novo teatro esta aí, um jogo de personagens e *personas*, ágil, múltiplo, às vezes débil, com uma exigência de encenação sem precedentes, na comunicação virtual, nos e-mails, nas redes sociais. E tudo isso em apenas vinte ou trinta anos. Bem, o ponto a que quero chegar é que, por sorte ou desgraça, encontro-me exatamente no centro dessa revolução, e posso olhar simultaneamente para duas eras distintas – sou sensível

“ Se o leitor for tenaz, pode perceber quando uma farsa é bem realizada, pode até descobrir que está diante de um golpe

a ambas. Essa condição afeta em cheio a minha literatura, os meus interesses e dúvidas como escritor. Em certa medida, meu aprendizado é já ruína e também fantasma, é um caldo de resíduos. Eu poderia traduzir tal situação como um fracasso, mas encaro-a como um privilégio. Porque é exatamente a partir dessa experiência, da consciência ainda pulsante desse tempo, que posso lançar um olhar crítico sobre o mundo que chega. Essa força indagatória, analítica, imaginativa, aparece em alguns de meus personagens, e, acho, é uma espécie de âncora da minha ficção. O conto *Roteiro para duas mãos*, creio, é o melhor exemplo disso. Alex Fraga é datilógrafo de um tribunal desde o início dos anos oitenta. Ele vive o auge da máquina e testemunha o seu fim, o aparecimento do computador. Mas é também um dublê de escritores no cinema, empresta as suas mãos para os filmes. E nessa trilha ele revisita um século de metamorfoses da escrita e da leitura. O mundo em ruínas me interessa muito.

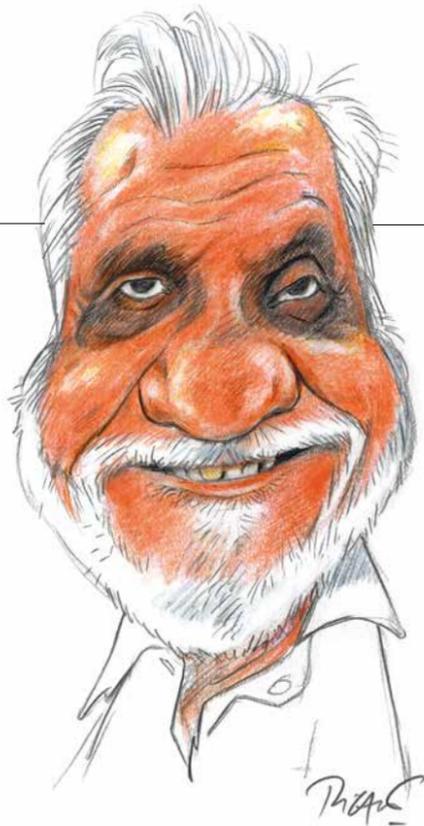
Como lida com o acesso e o excesso de hoje – de imagens, informações e narrativas?

Pensando, por outro lado, nos recursos e fontes que utilizo para escrever, tendo a achar que o *Histórias naturais*, pela garimpagem fina que fiz, por toda a informação miúda que usei nele, simplesmente não existiria sem o acesso à internet. Trata-se de um livro da era da internet, escrito porém com o afeto de um século que se distancia. Pelo menos é essa a minha sensação. E, se você me

pergunta como lido com todo o excesso, com a saturação de arquivos, de memória, tendo a buscar a resposta, pelo menos de passagem, nas formas breves. Para mim, e aqui me lembro das teses de Calvino para o milênio, creio que está na forma breve uma chave possível para construir narrativas que sejam ao mesmo tempo leves e consistentes, velozes e lúcidas, que aproveitem a multiplicidade sem serem dragadas por ela.

Alguns brincam sobre a dificuldade que o atual momento do país colocará aos historiadores. E aos escritores? Que desafio esse cenário coloca para vocês?

A grande vantagem da literatura é não ter nenhuma finalidade prática. Por isso ela acaba tendo os efeitos mais preciosos. Um romance, um poema, uma ficção bem urdida, esses artefatos ao mesmo tempo singelos e selvagens refrescam as ideias, deslocam pontos de vista, emprestam ao leitor sensações e poderes inesperados; dão-lhe papéis que são do outro. Assim, os escritores produzem esse remédio casual contra a falta de imaginação, contra a paralisia, a feiura, a pieguice. Se o leitor for tenaz, pode fruir aí um pouco do teatro do mundo, brincar, pode começar a perceber por conta própria quando uma farsa é bem realizada, quando é vulgar, pode flagrar os atores ruins, denunciá-los, pode até descobrir, subitamente, erguendo a cabeça do livro, que está diante de um golpe.



Raimundo CARRERO

O narrador no Movimento Regionalista

Sobre a narrativa que cerca os personagens de um autor como Maximiano Campo

Sim, um romance pode e deve ter mais de um narrador, desde que o leitor não perca a unidade da história. Para isso, é óbvio, o escritor precisa ter o absoluto controle narrativo. O pernambucano Maximiano Campo usa essa estratégia no romance já clássico *Sem lei nem rei*. No princípio, dispensa o narrador – onisciente ou oculto – e passa a narrativa para os protagonistas através da técnica “o olhar do personagem”, trabalhando com os cenários e com a construção do personagem na perspectiva da “criação indireta do personagem”. Ou seja, o narrador abdica da criação e da condução do personagem que assume todos os movimentos. Para isso, basta ver. Ver e questionar.

Observe bem como isso acontece com extrema simplicidade: “Lamparina esticava a passada. Lembrava-se de sua terra, do verde das canas, do massapê lambuzado pelos pés opilados dos seus companheiros”. Dessa forma, o personagem entra na história sem comando, movido pela lembrança, que é o seu olhar psicológico, e coloca-se na história. Enquanto o personagem anda, a lembrança constrói o personagem e, enquanto pensa, ele próprio cria o caráter, dá-lhe personalidade.

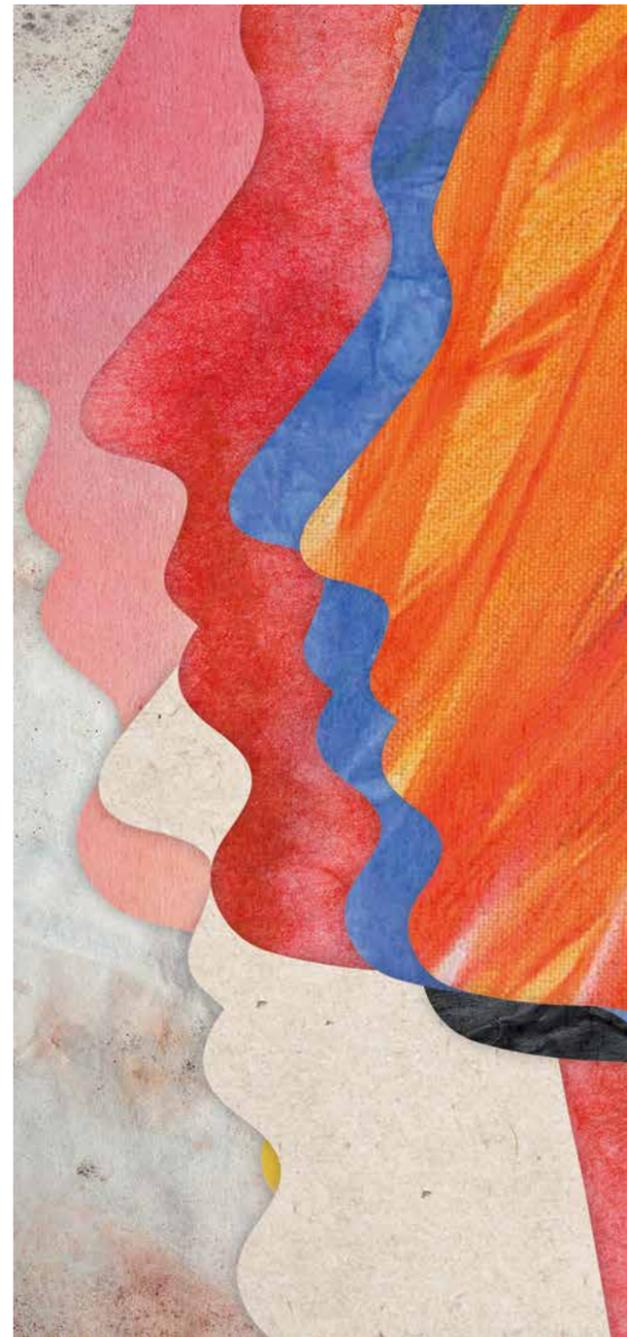
Percebemos, então, que o cenário em Maximiano Campo é muito mais do que um cenário, é a revelação do seu conflito interior: “A estrada não terminava mais, não era bem uma estrada, nem caminho, parecia mais um corredor de avelãs cheio de minúsculos dedos apontando para ele, para cima, para baixo, para todos os lados. Diziam que o leite daquilo cegava; dedos do diabo, dedos acusadores...”

E assim, o cenário revela o conflito interior, deixando de ser apenas paisagem, o registro cenográfico transformado em drama, atingindo a função de elemento narrativo ou de uma espécie muito rara de monólogo: “Viu novamente diante dos olhos todo o quadro que tentara afastar: a sua mulher morta, as filhas debruçadas sobre o corpo da mãe. Depois, quando matara o vigia do senhor do engenho. A ira do homem dono de terras e honras, que o perseguia com a polícia e a fidelidade da classe às perseguições.”

O mais importante é que o autor encontrou uma bela solução técnica para que o seu romance não se transforme apenas em documento geográfico, como é da natureza teórica do Movimento Regionalista, que renovou a seu modo e à sua maneira, com uma perspectiva, digamos, mais Armorial, cujo objetivo estética é a recriação, a invenção e jamais a cópia da região. É preciso sempre estar atento a essa mudança de ponto de vista, de forma a enriquecer não somente a obra do autor, mas sobretudo a literatura universal, e não somente regional ou nacional.

É preciso considerar também “o desenvolvimento do personagem” e “a ilustração do personagem em diálogo”, tudo com a dispensa do

MARIA LUÍSA FALCÃO



narrador oculto ou convencional. Se no exemplo anterior o “olhar do personagem” constrói o cenário e o conflito interior, o diálogo narrativo apresenta e aprofunda o personagem na voz de outro personagem:

“- Lá vai o negro Tibiu, todo enfiotado, montado em cavalo de sela. O negro vive de contar histórias, mas é afilhado do coronel, e veio como cria da casa. Dona Anunciada fez todo o que era vontade do negro. Os cabras têm raiva do negro, mas ficam com medo dos “quindins” do coronel. Também pudera... Era

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

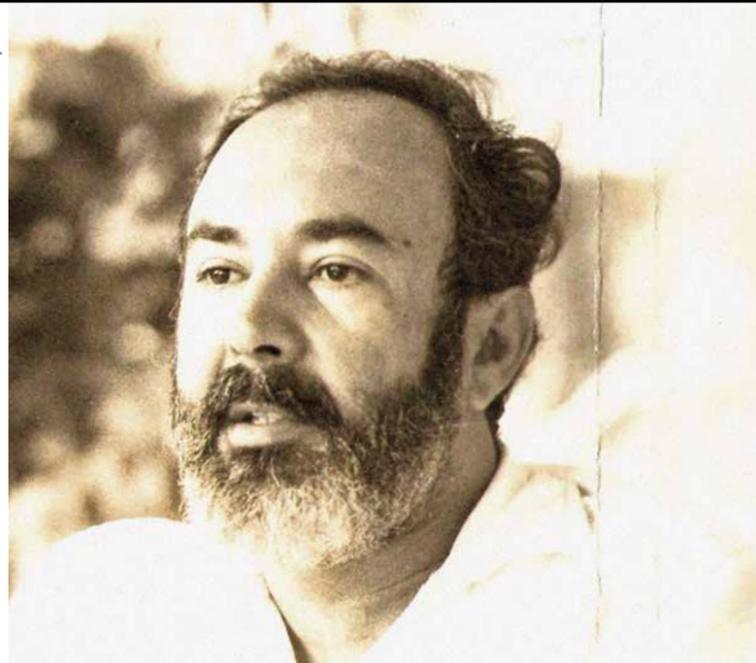
POESIA

Montez Magno reúne em livro parte de sua produção poética, mostrando que também domina as palavras

Embora seja mais conhecido como artista plástico (é um dos precursores da arte conceitual e do abstracionismo geométrico em Pernambuco), Montez Magno (foto) costuma dizer que “o poeta vem antes do pintor”. Ele está se referindo à sua produção poética, que foi parcialmente reunida no volume *Soma*, organizado por Itamar Morgado e publicado com recursos do Funcultura.

Ficam de fora, por exemplo, os poemas visuais de *Ludos* e *Notassons*, tão bons quanto os discursivos. Quatro livros estão no volume: *Estações visionárias*; *Dentro da caixa, cinza*; *Narkosis*; *Câmara escura* e *Enquanto respiro*. Anco Marcio Tenório Vieira define a poesia de Montez como de forte sentido filosófico e existencial, com os temas daí decorrentes. O livro se completa com traduções de poemas.

FOTO: REPRODUÇÃO





Florentino, que falava com um certo despeito.

- Pudera porque, Florentino...

- O moleque vive daqui pra vila a contar todo o que é fuxico, vive a descobrir o defeito dos outros. Enche os ouvidos do coronel com invencionices e o pior é que o coronel acredita nos negros. Aquilo é uma peste pra levantar falso batendo nos peitos e jurando por todos os santos, é como quem vai e já volta. Agora inventou de trazer recado para Rita de um tal de Veremundo, vaqueiro daqui. Mas não quero minha filha metida com vaqueiro. Afinal de

contas ela tem o ginásio. Este negro está passando da conta, Aquilo vai assim com aquela cara de lesão, quando voltar traz mais notícia do que jornal. Tanto descobre como inventa. É um caso, seu Antônio”.

Além disso, percebe-se, com clareza, a estrutura dialogal que influenciou, decisivamente, a prosa do Movimento Regionalista, predominante na obra de José Lins do Rego, com destaque para o ciclo sertanejo, formado pelos romances *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*. Aliás, o próprio Maximiano reconhecia e exaltava a influência literária do autor de *Menino de engenho*.

CRISE

Mercado editorial do Brasil sofre queda

O Painel das Vendas de Livros no Brasil, divulgado pela Nielsen e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros, revela que o faturamento das editoras caiu 23,03% em relação a 2015. Foi de R\$ 125 milhões para R\$ 96 milhões. Em volume, fica ainda mais clara a crise: foram vendidos 3.712.407 exemplares, versus 2.540.807, no mesmo período. Ou seja: 1 milhão de livros ou 31,56% a menos.

ALTERNATIVAS

As microeditoras proliferam e apelam para soluções criativas a fim de driblar o problema da distribuição

Criadas por escritores, *designers* e jornalistas, as microeditoras estão proliferando pelo país, inclusive ganhando prêmios de peso com suas publicações. Para driblar o crônico problema da distribuição, estão optando por soluções alternativas: A Patuá abriu um bar para sediar seus lançamentos; a Lote 42 abriu uma “banca de revistas” para seus livros e de outras editoras pequenas; A Bolha

adaptou um carrinho de sorvete para percorrer a cidade com suas publicações. Outra solução são as vendas pela internet. E também as feiras dedicadas a esse tipo de edições, como a Miolo(s), cuja segunda edição, em 2015, em Sampa, reuniu 112 microeditoras. No Recife, a Livrinho de Papel Finíssimo realizou no ano passado o festival *Publique-se!*, com palestras, debates e cursos.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.
- VII** É vedado ao Conselho receber textos provenientes de seus conselheiros ou de autores que tenham vínculo empregatício com a Companhia Editora de Pernambuco.

Companhia Editora de Pernambuco

Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

SECRETARIA
DA CASA CIVIL



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

CAPA

As esquinas
não perdo



Seguir seus
caminhos

S parecem dar quem não sabe

Miró e a importância de dar um penúltimo olhar sobre todas as coisas

Texto: Igor Gomes | Fotos: Pedro Vasconcelos

PRIMEIRA SEMANA

Miró da Muribeca completa 56 anos no dia 6 de agosto. É poeta. Mas prefere se dizer cronista. “A minha poesia, a minha crônica, é exatamente a rua.” Afirma que não faz ficção e suas narrativas são encontradas nas esquinas, nos ônibus, nas noites, nas alcovas ou no passado. Mais que a rua, a poesia/crônica de Miró é a vida eternamente à deriva. Das cidades e das pessoas.

Nosso primeiro encontro, em uma tarde de maio, ocorreu no Largo de Santa Cruz, centro do Recife. Sentamos em um bar com pássaros engaiolados, e a alguns metros um casal fuma maconha na praça. Para chegar ao Largo, é preciso atravessar a multidão da Av. Conde da Boa Vista, artéria vital de uma cidade já obstruída pela profusão de cheiros ruins, buracos nas calçadas e por onde o patrimônio histórico perde espaço para prédios feitos sob qualquer arquitetura. Quando não há o som das buzinas ou dos vendedores de várias coisas, há o carrinho de som tocando alto Lionel Ritchie (música: *Stuck on you*). Melhor.

Ofereço água, mas Miró, que chega pontualmente, pede conhaque de alcitrão. Para além de poeta ou cronista, ele é símbolo de uma geração de artistas alternativos do Recife, que começou a publicar a partir dos anos 1980. Artistas que, por viverem o lado B da cidade, encarnam no próprio corpo as agruras das suas urbes com versos fortes associados a uma récita impactante. Com 15 livros lançados, tem se consolidado com um dos mais inventivos poetas em atividade no país.

“Sempre que Miró vem à *Balada* é ovacionado”, aponta o escritor Marcelino Freire, organizador do festival paulistano *Balada Literária*. “Já recitou para Antonio Cândido, Adélia Prado, Augusto de Campos. Momento histórico foi Miró, na *Balada* do ano passado, ter encontrado Ignácio de Loyola Brandão. Miró tirou do bolso um poema que fez ali, em homenagem ao Loyola, e leu, para emoção geral

do público”, lembra Marcelino. Em 2015, foi um dos homenageados da *Bienal do Livro de Pernambuco*.

Seu último livro, *aDeus* (2015, Mariposa Cartonera), vendeu cerca de 3 mil exemplares em menos de um ano – um número de best-seller em se tratando de poesia e de um país em que as tiragens por edição de grandes editoras muitas vezes nem chegam a isso. “Normalmente, as pessoas procuram direto (o poeta), ele anda com as obras. Interessante que as vendas online representam uma parcela muito pequena, o que reforça o carisma do autor. Também o livro sempre é vendido nos eventos que participamos, mas numa quantidade menor que a venda direta dele”, afirma Wellington de Melo, editor e organizador da obra.

No documentário *Onde estará a Norma* (2007, dir. Bárbara Cristina, Jacqueline Granja e Patrícia Gomes), Miró diz trabalhar com fotografias urbanas. Pega o lado mais caótico e sacana da cidade. “Nesse sentido, ela (a poesia) é verossímil”, explica. Aproveita as calçadas, a arquitetura árida, os cheiros e buracos do Recife como mote para versejar. Quando essa inspiração não vem de forma seca e imediata – como em “*Por trás de um ônibus lotado / E uma cadeira vazia / Há sempre um grande vômito*” –, vem com evidente lirismo: “*Quatro horas / Quatro ônibus levando vinte e quatro pessoas / Tristonhas e solitárias / Quatro horas e um minuto / Acendi um cigarro e a cidade pegou fogo. / Cinco horas / Cinco soldados espancando cinco pivetes / Filhos sem pai / E órfãos de pão / Cinco horas e um minuto / Urinei na ponte e inundei a cidade / Seis horas / O Recife reza / E eu voando pra ver Maria.*”

Não apenas o Recife é motivo poético: “*Quantos sacos de cimento / há em ti São Paulo? / Quiçá meu coração não fique concreto / Alguma coisa acontece? / A elite vai em massa a eletra / Substantivo concreto / Quem lê os campos? / Substantivo abstrato / Náufragos dessa onda / Atenção para o toque de 8 segundos.*”

Depois de ele falar sobre sua mudança de Muribeca, subúrbio da Região Metropolitana do Recife onde

CAPA

morou, para o centro da capital, resolvemos dar uma volta e seguir a um parque. Mas devagar, porque o poeta, já ébrio, fica tonto se andarmos rápido. No caminho, é cumprimentado por amigos e colegas de bar. “Sou popular”, diz, resumindo o óbvio. Passa a falar sobre o “alegrismo”. “Alegrista é quem bota para rir e pensar. O alegrista é o que diz na sua cara aquilo que você não quer escutar”, explica, tomando um gole de conhaque”.

E emenda: “a minha poesia, ela tanto faz rir quanto chorar. Ela é verossímil. Ela não alivia. Não espere de mim algo tão leve”.

No dia em que completa 56, Miró lança *O penúltimo olhar sobre as coisas* (Mariposa Cartonera) dentro da programação da *Feira do Livro do Vale do São Francisco, em Petrolina* (PE).

“O tom desse livro novo é um desenvolvimento das reflexões de um Miró mais maduro, que refletem também uma nova espacialidade, com a mudança dele para o Centro, que curiosamente provocaram mais um lirismo existencial que a crítica social. Ainda está o humor, em alguns momentos, o que torna o tom de *O penúltimo olhar...* menos grave que a obra anterior (*aDeus*, permeada por tons existenciais e de solidão), mas sem abandonar esse olhar sobre o cotidiano, sobre a própria solidão”, explica Wellington de Melo.

É o seu décimo sexto livro. Antes dele vieram *Quem descobriu o azul anil?* (1985); *São Paulo é fogo* (1987); *Ilusão de ética* (1995); *Entrando para fora, saindo para dentro* (1997); *Flagrante deleito* (1998); *Quebra à direita, segue à esquerda e vai em frente* (1999); *São Paulo eu te amo mesmo andando de ônibus* (2000); *Poemas para sentir tesão ou não* (2002); *Pra não dizer que não falei de flúor* (2004); *Onde estará Norma?* (2006); *Tu tás aonde?* (2007); *Quase crônico* (2010); *di-zCriação* (2012); *Miró até agora* (2013, antologia); e *aDeus*. Exceto o último, os demais foram publicados de forma independente e são difíceis de achar, mesmo em sebos. Ainda há um livro pronto, provavelmente a ser lançado de forma independente: *Não terás um centavo de minha alma*. E *Miró até agora* ganha reedição revisada ainda este ano pela Cepe Editora, organizada por Wellington.

SEGUNDA SEMANA

Mais uma tarde de maio e encontro Miró, dessa vez sóbrio, no Bar Mamulengo, um dos mais conhecidos do Recife Antigo, depois do almoço. Começa a explicar que teve um mal-estar na semana passada, com formigamentos na cabeça e dores na área do fígado e no apêndice. “Aí resolvi parar de beber”, disse, empurrando para o lado um copo de suco.

Passou a contar sobre um mal-estar que teve no ano passado. Ainda morando na Muribeca, ele lembra à 5h da manhã e vomita algo verde. “E eu estava sozinho dentro daquele prédio – na Muribeca não tem mais ninguém –, eu bebia de 6h30 da manhã”, lembra. O crescimento do bairro ocorreu a partir da criação de um habitacional popular nos anos 1980. Há sete anos, pelo menos, as moradias são desapropriadas pelo governo sob o argumento de realizar obras (como canais para saneamento básico) ou de risco de queda das edificações. Desde então, houve grande debandada de famílias.

Na época (julho de 2015), o poeta acordava com o barulho da porta corrediça da padaria abrindo (“Muribeca é um silêncio”, explica). Depois tomava banho, descia, dava uma volta nas redondezas e, quando chegava à padaria, a atendente estava com uma lata de cerveja no balcão esperando. Bebia lá até às 8h, quando rumava para o bar mais próximo. Seguiu assim até às 15h. Diariamente. “Eu comia pouco e o corpo reclamou”, diz.

Caído no chão, próximo ao vômito verde, Miró pegou um palito para só assim conseguir discar no celular o número do escritor Wilson Freire, também médico e diretor do documentário *Miró: Preto, Pobre, Poeta e Periférico* (2008). Enquanto Freire tentava uma vaga no Hospital Oswaldo Cruz, no Centro do Recife, a poeta Cida Pedrosa mobilizou um carro para resgatá-lo.

“Ele delirava. Não sabia se estava vivendo um sonho, se estava na realidade. Foi um período difícil. Mas, uma semana depois, ele estava bem, tinha ganho peso. No período que passou internado, acho que 15 dias ou um pouco mais, ele ganhou mais de 15

kg”, conta Wilson Freire. Foi nesse período que veio o nome para o próximo livro. O médico o advertiu sobre possíveis lapsos de memória e pediu que ele sempre desse o penúltimo olhar sobre as coisas antes de fazer algo ou antes de ir embora.

O suco ficou quente na mesa do Mamulengo enquanto Miró falava. Lembrou o seu último livro, *aDeus*, lançado em seu aniversário do ano passado, durante um período em que se manteve sóbrio. Foram cinco meses sem beber. “Fiquei num estado de beleza comigo mesmo. Podia sentar com um cara e ele tomar um litro na minha frente que não dava vontade”. Nesse tempo, vieram viagens para participar de eventos literários e a homenagem na *Bienal do Livro*. Todas as suas declamações eram lotadas. Saía sempre ovacionado.

Miró não lembra se era véspera de Natal ou dia 25. Estava sozinho na pensão e concluiu que não seria problema tomar dois copos de cerveja. “Para quem mora (em pensão), se não tiver uma família ele come até merda para se distrair”, diz. E seguiu para o bar, o mesmo onde nos encontramos na semana anterior (“acho que ele [o dono do bar] não fecha nem se a mãe morrer”). Lá, encontrou um vizinho completamente alcoolizado. “Ele não bebia há oito anos. Disseram que tomou três copos e capotou. Entendi isso como uma mensagem dos espíritos. Antes de sentar, eles me mostraram o vizinho bêbado. Se ele que está sem beber há oito anos estava assim,

O seu livro aDeus, lançado ano passado, vendeu mais de 3 mil exemplares. Nova obra do autor chega em agosto

imagine eu? Mas ele me chamou para tomar duas. E aí morreu o boi”, conta.

De dezembro a maio, bebeu frequentemente, mas sempre tentando parar. Não é fácil. “Tem recaídas frequentes. E, como Miró é uma pessoa sem estrutura familiar – não tem pai, mãe ou filhos –, ele sente a solidão. Combater o alcoolismo sem uma família é difícil”, diz Wilson Freire. Pondero que Miró tem amigos muito presentes. “O problema é que, quando o camarada está ‘bem’, todo mundo vai para sua casa, para suas famílias. E ele vai para a pensão sozinho, né? Olha para um canto, para outro e não tem ninguém”, pontua o escritor.

Depois de muito falar, o poeta se levanta para uma rápida sessão de fotos. Despedimo-nos. No copo, o suco ficou pela metade.

Uma forma didática de entender a figura do poeta alternativo no Recife é o filme *Febre do rato* (2011, dir. Cláudio Assis). O personagem central, Zizo, é uma síntese de várias figuras que povoam a boemia literária e a memória do Recife: França, Lara, Erickson Luna, Chico Espinhara e o próprio Zizo, além de Miró. É o artista que faz poesia nos bares, reúne pessoas em apresentações públicas geralmente improvisadas e aponta o dedo para as mazelas da urbe. “Essa crítica (à urbe) vem desde Carlos Pena Filho, com o *Guia Prático da Cidade do Recife*, e João Cabral de Melo Neto, com *Cão Sem Plumas*. É uma relação amorosa com a cidade. Se a gente ama, a gente denuncia”, pondera Cida Pedrosa.

Sobre a poesia feita por essa geração, ela “é corporal, para ser vivenciada. E seus impressos tentam captar essa presença do corpo, através de opções editoriais como a programação visual diferenciada (aproximada da arte sequencial), impressões artesanais e distribuição pessoal. Para esses autores,

vale dizer que seu meio de difusão é a performance poética”, escreve André Telles em sua dissertação de Mestrado (UFPE) sobre a interação entre corpo e poesia na obra de Miró.

Percebe-se uma influência capital da geração mimeógrafo dos anos 1970 e de Bandeira. Dos primeiros, os ritmos, os trocadilhos: “*merece / um / tiro / quem / inventou / a / bala*”, diz Miró. Do segundo, o “lirismo não comedido”. Mas, se Bandeira já chega a apontar alguns horrores do cotidiano (como no seu conhecido poema *O Bicho*), Miró escancara. Um exemplo é o poema *Carla*: “*Conheci Carla catando lata / seus olhos brilhavam / como alumínio ao sol / São Paulo ardia / Num calor de quase quarenta graus / Pisou na lata / como pisam os policiais / nos internos da Febem [...] / Nem tanta polícia / muito menos catadores de lata, / Os olhos de Carla / Nem desse poema precisavam.*”

Algo que marca diferença entre Miró e os poetas de sua geração é a opção dele, em diversos momentos, por poemas longos. São vários exemplos, nos quais se destacam *Confesso que vivi meio século*, *Onde estará Norma?* e *Ilusão de Ética*. Textos que se aproximam bastante da crônica ou do miniconto.

Em se tratando de conteúdo, Miró reflete o cotidiano negro e periférico das grandes cidades brasileiras. Diz ele que, na década de 1980, vinha com um amigo de um festival quando cruzou com dois policiais. Como estavam sorrindo, os policiais pararam e perguntaram “Tá rindo de quê, boy?” “De nada, senhor”. Ao que um dos fardados respondeu: “quem ri da polícia se fode”, e bateu no rosto de Miró. O outro policial tentou apaziguar os ânimos. Perguntou pelos documentos. O agressor quis saber onde o poeta morava. “Ibura” (bairro pobre na zona sul do Recife). “Aí é que vai ser bom mesmo”. Levou os dois jovens para uma rua escura. Tirou o cinturão e começou a agredir o poeta, que fora arrastado pelo policial a outros lugares. Miró diz se sentir estilhaçado até hoje.

“Para mim, Miró é uma versão atualizada de Solano Trindade (1908–1974; poeta pernambucano), com esse canto da negritude periférica, da população que navega pelo centro da cidade”, opina Wilson Freire.

O artista ainda é autor de versos eróticos, amorosos, existenciais e melancólicos, poesia invisível nos recitais de que participa e que estão, nos seus livros, lado a lado com os “poemas-denúncia”. O erotismo é explícito, com poemas que constroem imagens concretas e cotidianas, sem sutilezas, como em *H2Love*: “*Não tinha mais como esconder / Era o cara da água passar / E ela ficar toda molhada.*” Os melancólicos, em geral, vêm associados a temas amorosos – como em *Amamos*, dedicado a uma ex-namorada: *Tecemos fios para / nossos sonhos / mas um dia despencarmos / feito fruta madura num / pomar abandonado*. Os existenciais, que nas primeiras obras vêm a partir de cenas do cotidiano associadas ou não com a solidão: “*Certos estranhos / pedaços de rua / Habitam meu olhar. / A solidão sentada / no colo das vovós / novelo de linha, / traçando o tempo / veloz das esquinas*”. Nessas vertentes, Miró, mais uma vez, deixa entrever Bandeira, mas percebe-se uma influência de Drummond. “Drummond é o poeta que mais amo”, afirma.

“Acho que as pessoas conhecem mais as ‘poesias-denúncia’ de Miró porque é o que ele mais apresenta nos recitais. Talvez porque a poesia de amor seja vista como algo menor, hoje em dia. Mas não é”, opina Cida Pedrosa.

TERCEIRA SEMANA

Encontramos-nos mais uma vez no Bar Mamulengo e Miró, como sempre, pontual. Naquele dia, estava com uma camisa preta, estampada com uma foto de si junto à mãe, dona Joaquina. Tocamos no nome dela e ele se emociona. Emendamos a falar sobre os processos de criação poética. A conversa avança pouco. Depois de falar sobre morte, ele pede para ir embora. Faz um prato de comida, põe na marmitta e seguimos até o táxi.

A morte da mãe, em 2012, foi um baque severo para Miró. A família se resumia aos dois, que moraram em vários subúrbios antes de chegar à Muribeca, nos anos 1980.

Os pais de Miró – cujo nome de batismo é João Flávio Cordeiro da Silva – se conheceram no Madeira do Rosarinho. Ao livro *Poesia, mesa de bar e goles decadentes* (Nektar), do fotógrafo Camilo Soares, dona Joaquina



O que visto que corro

é o de não
correr o visto

CAPA

recordou que o homem tinha nove amantes e que, se ela não ficasse com ele, as outras nove moças chegariam junto. Dançavam a noite toda. “O nome dele era João Godofredo. Segundo minha mãe, era casado e gago... talvez por isso eu fale tanto”, brinca o poeta. Ele garante nunca ter visto o pai, mas no livro de Soares é dito que chegou a encontrá-lo duas vezes. Também teve uma irmã, Fátima, que, de acordo com a obra, morreu aos 9 anos vitimada pela tuberculose (Miró diz que ela morreu aos 6 anos em meio a uma crise de asma). “Minha mãe nunca mais pôs um homem dentro de casa”, diz.

“Eles tinham uma relação difícil porque havia muito amor, muito foco um no outro. Havia complicações também porque Mirobaldo não é fácil, ele é um cara independente”, lembra Flavão, quadrista e amigo de Miró há mais de 20 anos.

“Mirobaldo” foi o apelido dado pelo artista plástico Maurício Silva ao poeta, ainda nos anos 1980. “Ele morava na Quadra Revoredo, um conjunto de casinhas que ficavam onde hoje é o Hospital Oswaldo Cruz. Eu morava na Rua Dom Vital, bem perto. E jogávamos peladas de rua. Como ele jogava muito, logo o apelidaram de Mirobaldo, um jogador do Santa Cruz. Daí, para ajudar o amigo, sempre tinha um trabalho para ele em nossas casas, afazeres domésticos ou jardinagem”, lembra Silva.

Para a construção do Hospital Oswaldo Cruz, houve o despejo de famílias da Quadra Revoredo. Miró e a mãe se mudaram para a Bomba do Hemetério (bairro popular na zona norte do Recife) e depois para o Ibura, antes de ganhar um apartamento no Conjunto Habitacional Muribeca, doado pelo governo do estado.

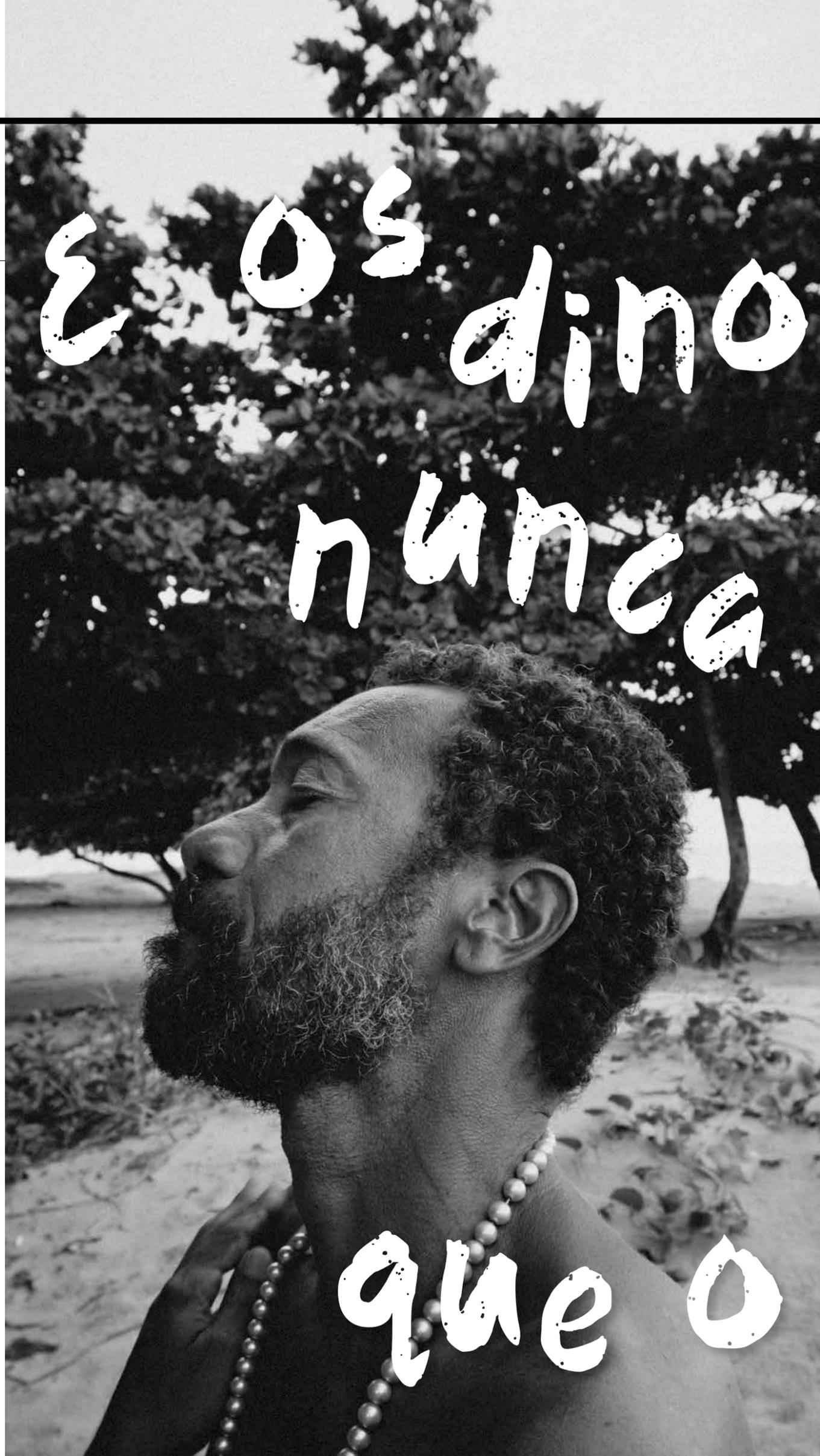
Foi na casa de Silva – frequentada por artistas – que Miró conheceu MPB, poesia e outras formas de arte. Também foi por influência do artista plástico que ele decidiu ser poeta. “Foi ao ler um poema dele. *Farda verde, verde, verde (...)*”, recita. Quando decidiu ser poeta, os amigos abreviaram o nome para Miró. “Depois adotou o nome do bairro para onde se mudou, Muribeca”, recorda Maurício Silva.

O poeta estudou até o Ensino Médio. Tentou vestibular para jornalismo, sem sucesso. Então, o pai de Maurício Silva conseguiu para ele um emprego como servente na Sudene. Enquanto limpava os banheiros, parava para escrever poemas. Foi descoberto pelo também poeta Wilson Araújo, que trabalhava lá. “Era (ele) alguém cantando acho que Caetano (Veloso) enquanto limpava um banheiro”, lembra Araújo, que o ajudou a publicar poemas em jornais. Naquele ano, 1985, Miró lança seu primeiro livro, *Quem descobriu o azul anil?*. Largou o emprego e decidiu viver de poesia.

Seguiu para o Petrolina, no Sertão, onde tinha um primo distante. Foi para passar um tempo e vender o livro recém-lançado. De lá, para Juazeiro (Bahia) procurar Manuca Almeida, poeta que já tinha visto recitar no Recife. É notável a influência de Manuca no jeito mambembe com que Miró recita poesia. Juntos, foram às rádios para divulgar a obra. “Era um menino normal, todo certinho e arrumadinho, tímido. O livro era assinado ‘João Flávio (Miró)’. Eu disse a ele que o nome tinha que ser apenas Miró”, conta Manuca. Ele explica que a récita dele, absorvida por Miró, consiste em ligar fala e corpo, além de usar “tudo que era ruim em mim como elemento para a minha poesia”.

Voz, gestos e, por vezes, a roupa se unem à linguagem popular para dar vida a uma poética em que o corpo vai reverberar os trânsitos e transeuntes da vida desigual e feroz das urbes. Sua forma de reclamar permanece praticamente a mesma, desde que Miró passou a se apresentar publicamente. Então, o que mantém vivo o interesse no trabalho dele? “Ele não é um fenômeno porque recita bem. Se não tivesse uma obra, essa récita, que não é de ator, já teria se exaurido por si só. Não se exaure porque a obra dele é forte e se renova”, ressalta Cida Pedrosa. A obra já virou documentários, HQ, música e há projeto para virar teatro, com o grupo pernambucano Magiluth.

A partir de então foram sucessivas viagens, namoradas e apresentações por todo o Brasil, mais ou menos longas e sempre intercaladas com voltas à Muribeca. Por onde passou, deixou amizades. “Trabalhava como gerente de uma livraria em Fortaleza. Em um recital, ele apareceu. Fiquei muito impressionada”, conta a escritora Socorro Acioli, que o ajudou a reeditar o livro *Ilusão de ética*, em 1998. Em Fortaleza, Miró fez propaganda política, vendia seus livros e ajudava a namorada (com quem morava à época na



capital cearense) a vender artesanato. “A convivência com ele era muito engraçada. O único problema que tivemos foi que na livraria havia uma garrafa de licor para os clientes, e ele bebia tudo quando chegava lá”, diz Acioli.

Miró começou a beber aos 21 anos. Conta que foi para comemorar a vitória do Sport Club do Recife em um campeonato. Depois muda: fala que foi em uma festa de aniversário. Quando virou alcoolismo, não se sabe. “Difícil determinar isso. Porque isso é uma visão meio clínica que a gente não tem. Porque quando você bebe, ficar bêbado é uma coisa que faz parte do jogo”, pondera Flavão. Ele pontua que a questão com o álcool é anterior à morte da mãe. “Acho que para as pessoas entenderem (a doença), elas precisam colocar a culpa na morte da mãe. Isso é simplificar. Não foi isso. Claro que o falecimento da mãe e ter ficado sozinho em Muribeca foram fatores depressivos. Ele ficou morando sozinho em

um prédio sem outros moradores”. O poeta se mudou de Muribeca para o Largo de Santa Cruz no ano passado, após sair do hospital.

Em 2012, a mãe, com saúde perfeita, disse ao filho que queria voltar para a cidade natal, São Bento do Una (Agreste). Foram. Três meses depois, ela teve um AVC e morreu. “Era uma mulher espiritualizada. Talvez soubesse, não sei”, opina Cida Pedrosa. Em 2014, Pedrosa fez a curadoria de um festival literário em São Bento e chamou Miró para participar. “Ele aceitou, disse que seria bom para fazer a catarse. Mas acho que não fez bem. Ele deitou e rolou no chão. Acho que foi muito forte”, diz.

aDeus, o livro mais recente, é permeado por um tom existencial influenciado pela solidão de morar no Centro e pela morte da mãe. *Solidão é no caixa eletrônico / esquecer a senha / solidão é planta / sentir falta d’água / ver Muribeca indo embora [...] / as lágrimas caindo / e você com esperança / que a chuva molhe o chão*. Mostra, também,



uma procura às avessas por Deus (já presentes em obras anteriores) como em: *no princípio / não havia nada / hoje também. E ainda: umas folhas verdes / nasceram entre dois prédios / Deus insiste / para que eu acredite nele.*

QUARTA SEMANA

Em fuga da chuva, não conversamos muito e seguimos rápido para o carro. Vamos para um ensaio fotográfico na praia e no centro do Recife, próximo ao Mercado de São José. “Tanto tempo que não ando por aqui”, diz Miró, sóbrio. Dias antes, sentiu-se mal mais uma vez, com febre. Foi melhor assim: conseguiu passar dois dias sem beber. Foi para casa de uma amiga e lá decidiu resolver algumas pendências para visitar, no mesmo dia, uma clínica de reabilitação. “Um amigo meu conseguiu uma vaga na clínica do pai dele”, conta. Seguimos.

Ele lembra quando, pequeno, ia com a mãe comprar mantimentos no Mercado. “Ela tinha uma

barraca onde vendia bebidas e petiscos, ainda na Quadra Revoredo. Depois que saímos de lá, ela virou lavadeira em um hospital.” Posa para as fotos. Perto, um cavalo urina com tranquilidade. Na frente do poeta, freiras fecham os portões da igreja de São José de Ribamar. “E ainda dizem que é a casa de Deus”, comenta o poeta. Encontra uma amiga que não vê há muito tempo, “desde os anos 1980”.

Miró faz gestos para a câmera enquanto as pessoas passam. Desinibido, como ao falar da própria história. Sem reservas, não é avaro de si, das histórias que viveu.

Na praia, tira a camisa. Fica com o colar de contas rosas, que afirma ter as energias da orixá Nanã. “É a minha marca, não vou tirar”. O nublado dá um ar estranho às imagens, algo quase fora do tempo. Junho, às vezes, tem tardes de maio. “Tenho amigos que gostam de mim. Preciso me cuidar. Se eu morrer, é bom porque eu vou embora. Mas se eu tiver um AVC,

quem vai cuidar de mim?”, indaga ele, em meio a explicações sobre sua opção pelo tratamento.

Se estamos todos à deriva (não que notemos isso), cada um se salva como pode. Alguns, como Miró, se permitem salvar os outros com suas poesias, lançando luz sobre os escuros das ruas e das casas, cidades e privacidades. Possíveis traduções para esse impacto que a poesia dele causa no leitor: “A poesia ensina a cair” (Luiza Neto Jorge); “A poesia não salva o mundo, mas salva o minuto” (Matilde Campilho). Não que redima a dimensão prática da vida, mesmo a de Miró. É preciso agir. Mais tarde, naquele dia, fico sabendo que ele chegou à clínica de reabilitação para conhecê-la e por lá ficou.

Os poemas que ilustram estas páginas estão no livro inédito do escritor, que será lançado em agosto, pela Mariposa Cartonera. Leia-os na íntegra no site www.suplementopernambuco.com.br

ENSAIO

A findar o racismo das festas literárias

Diante do apartheid editorial brasileiro, ficam as sugestões para outra e possível *Flip*

Allan da Rosa

Presença negra neste país é saliva, língua e dente, o miolo e a beirada. Forma encruzilhada no princípio e no horizonte, contempla dos porões às altas colinas. Então, participe normalmente de encontros literários gerais e também borde sua chegada em outros específicos, autônomos, o que não é formar gueto e, sim, considerar esfarelar as muralhas, apresentando as singularidades de nosso viver negro e como se trançam ao balaio que se nomeia brasileiro. No texto, pretice balance os territórios homogêneos ou complexos que pisamos e as compreensões do espaço e das forças tão antigas que espremem ou vitaminam nossos diálogos. Nos encontros, largue-se o converseio que nada frutifica, que estereotipa ou derrama condescendência e se mergulhe nas distâncias a vencer pra circulação fértil das ideias no cotidiano casca grossa. Já maturou faz tempo pra “literatura brasileira” a hora de atentar à lábia da caneta negra daqui, enredos que ultrapassam a lente gasta que só foca escravidão, folia e tiro. Textos das curvas de legados ancestrais, colorindo e rasgando os mapas que ainda nos avacalham e já espinham novas urgências.

Ah... a literatura brasileira. Esse palacete das poltronas fofas que por vezes sai do tédio requeitando histórias ouvidas dos serviçais. Uma festa literária que se proponha a ser nacional para os internacionais, seja montada e platinada pelo baronato ou custeada também por verba pública, para pelo menos resvalar na plena sensibilidade das tretas que giram aqui deve ter canetas e parágrafos negros, editoras sensíveis à questão, presença de poetas e prosadores pretos não como dois ou três pinguinhos escuros entre a brancura geral, mas entranhados a todos os temas e momentos. E atenção ao óbvio: Falamos de livro e não só da gloriosa oralidade, esta bênção que cultiva ninhos e revides. Falamos de escritores, teias e personagens e não apenas de cantantes que também são pilar e farol imprescindíveis em nosso caminho. Há trança entre as vozes mas se diferencie e a cada qual o seu labirinto.

Vige o apartheid editorial brasileiro. Mentalidade de capitania hereditária e o racismo que deforma desde as fraldas os produtores da grana alta, média e a distribuição relativamente decente de publicações. Os colóquios, editoriais, professores e canais de divulgação bem-estruturados ainda abraçam o que a retórica da modernidade postulou e nunca firmou, baseada na cangaia preta. Ideias como democracia, direito, cidade, liberdade e razão, entre outras pincas tilintadas em xicrinhas de porcelana nos gabinetes ou babadas aos berros nos coretos, tiveram sua contraface fervente, mas borrada nas cúpulas dos mecenas e onde quer que cheguem seus carimbos coloniais contemporâneos. Ou seja, quem é autoria negra pode, quer, precisa e deve chegar com outras vivências e perguntas às demandas literárias em que tanto se debate sob a chancela exotizante do “universal” (o que será isso? Gaveta pra brancos entucharem o que ao fim caiba em seus parâmetros e valores?) Questionando esse bueiro cintilante os editores, escritoras, leitores e arte-educadores negros há mais de 100 anos realizam encontros e edições às custas da própria merreca, ira e graça, invisibilizados ou caricaturados no apartheid editorial brasileiro. Letra preta adentre logo o tabuleiro e nisso nada há de favor. Areje a literatura contemporânea dessa mesmice... a que adora poças e fiapos ou chiqueza e françuá, se na sustança de boas lembranças da mesada. A que se fala de negro lhe dota de essência deslumbrante, pavorosa ou secundária.

Acontecem seminários e festivais com temas diversos: Literatura e desespero, Literatura e alegria, e política, e sexualidade, e futebol, e comida, e cinema etc... Há de tudo. Em todos a autoria negra chegue além das mesas de canto reservadas como gotas ao

fim do enchimento da bacia. Pois a vasta literatura dos voos, dilemas e recolhimentos, sabores e agruras pretas trata também de tais temas com sátira ou lamento, no épico ou no dramático, em realismo brutal, fantasia ou lirismo. Isto vai mesmo além da noção de “representatividade”, tão necessária quanto insuficiente, brisa, mas também tocaia se culmina numa presença negra que vira o avesso, o capacho, o grotesco ou o esboço da branquitude de sempre, ou então molda-se a agradar militância, patrocínio e cartilhas escolares, ou ainda se assimilada às novas versões de cartão-postal e às noções incolores e anestesiadas dos nossos braseiros. Que nosso texto não seja cinza carreada só pra participar do mercadão.

Por medo e ignorância ainda coloniais ou mesmo por falta de mínimo tino comercial da burguesia, um bocado de negr@s ficcionistas não existe no circuito literário que inclui ainda uma classe média às vezes disposta a ações mais dignas em disseminação de leitura do que meramente salivar por lucros, mas também em geral insossas de tão alvas. Então, à FLIPR - Fundamentos da Letra e Intenção Preta - que vem na próxima lua cheia e que já fermenta a cada madrugada, deixo aqui seis pontes, seis forças que reverberam nossas cadências. Quem lê, sabe. Apenas seis entre tantos nomes que cavucam e semeiam na ficção e no verso. Gente com *ÁfricaBrasil* silvando nas unhas, pelos e cerebelos.

MUNIZ SODRÉ

Fundamental para compreensão de pilares das matrizes africanas de cá no cotidiano e nos rituais. Rara letra pela sensibilidade, erudição e estilística. Professor na UFRJ e UERJ, capoeira e karateca, ogã do Engenho Velho que já presidiu a Biblioteca Nacional, pelo menos três de seus ensaios são pedaços de sol que brotam em horta de mocambo. *O terreiro e a cidade* e *A verdade seduzida* apresentam um refinamento e potência as lógicas negras na urbe e suas beiradas e quintais, sofisticadas nas frinchas e vigas do país persistindo e civilizando entre escombros os eixos entre os oceanos. Apresenta bases e giros do pensamento e do suor sob a escravidão oficial e das mumunhas urbanas que ainda baseiam becos, majestades e cazuás. Põe a filosofia ocidental pra comer na mão apresentando interfaces e regras afro-brasileiras. Em *Bimba*, o *Mestre Zen* sua verve raspa o tacho trançando negritude a elementos orientais pela amplitude vasta de sentidos comuns a estas duas gamas de culturas de ‘arkhé’, que cultivam o jogo e a ancestralidade. Porém, na FLIPR - Fundamentos da Linhagem e Intensidade Preta -, tocante é também sua obra contista. Em *Santugri* e *A lei do santo*, pela musicalidade do fraseado, orna a escrita prima do sax de Coltrane e da umidade das cuícas. A letra baila entre ironia e suspense com histórias escabrosas e corriqueiras de enigmas que enamoram a nobreza da forma-e-significado como poucos. Envolve qualquer leitor, seja este um angoleiro, muzenza, ateu ou astronauta.

LEDA MARIA MARTINS

Em *A cena em sombras*, reflete com gana sobre sutilezas estéticas do teatro negro do Brasil e dos EUA. Estudiosa da performance, compara princípios e distingue formações sociais e escudos de aço e de palha empunhados em pelejas daqui e de lá. Detalha composições de palco e temas motrizes das expressões forjadas na luta sob as correntes do cativo e nas bordas da cultura de massa. Pensando ambiguidades e simbologias da pele nas frestas da diáspora africana, a professora da UFMG nos oferece encanto em *Afrografias da memória*, enamorando teoria e poesia como muito se diz mas pouco se faz. Com a cancha de Rainha das Mercês no Reinado do Jatobá em BH/Minas, alinha a sapiência da teatralidade de pé africano-brasileiro em terra dura que se faz ninho. Se antes atinou minúcias de palco, aqui concentra e aflora nos pulsares de roda e de cortejo. Aprecia partituras, dramaturgias, jogos de corpo e desenha elos entre a cosmologia congo-angola e a política e sacralidade das roças e asfaltos brasis. Trata de timbre e de instrumentação nos poemas de cantar, de cernes da cena e de contexto nas indumentárias tecidas com graça e fé. Se epistemologia é do miolo de nossa luta, na FLIPr - Fundamentos da Luz e do Imbalance Preto - os parágrafos de Leda Martins são contas de rosário, são balas de canhão.

CUTI

Talvez o grande escritor vivo deste país. Traduzido em uma fieira de línguas, Cuti assanha a inteligência com sua obra erótica, arquiteta futuros com seus poemas de mocambos, arranha populismos em suas peças de quizombas e fermenta coceiras no estômago com seus contos, punhais. Na FLIPr - Fundamentos da Lavoura e Invenção Preta -, seu texto é reconhecido sem precisarmos conferir assinatura. Desde os anos 70, Cuti publica com espessura e fluência. Lançou poesia em obras sublimes como *Batuque de tocaia*, *Sanga* e *Poemaryprosa*, imensa obra sobre amor e sexo em país de segregação que emporcalha o tesão com seus pelourinhos mentais. Em seus contos e nos estudos originais sobre Cruz e Sousa e Lima Barreto, Cuti mergulha nos labirintos da consciência negra e seus dilemas, zangas, fragilidades e coroamentos. Frutificou o comovente *E disse o velho militante* com memórias de José Correia Leite sobre cafés, clarins e gráficas da Frente Negra Brasileira, numa aula magna sobre a primeira metade do século 20 paulista, sua violência psíquica urbana e os circuitos políticos ainda famintos pelo branqueamento como projeto de nação.

CONCEIÇÃO EVARISTO

Sua epifania se mescla à nitidez exposta do racismo brasileiro. Na FLIPr - Fundamentos da Lã(mina) e do Ifá preto, nos orienta com sua poesia de serena peleja e altiva celebração. Após tantas vassouras e vagões em Minas, estradas e morros cariocas, para onde foi ao magistério concursado deixando arrumações de casas alheias, doutorou-se em Literatura. Seu romance magistral *Becos da memória* ficou guardado 20 anos antes de ser publicado e ali Balbina, Negro Alírio e Tuína vestem lembranças que são arrimas, mas também embriagam pra tombar. As esperanças carcomidas por vezes encontram um colo, mas mastigando esperanças cruas vão ponteando os furos das personagens cansadas de provar que são gente. Em cada sílaba, se a autora dispensa a brutalidade costumeira da mirada à favela vista de cima, seu texto denso oferece muitas mantas geladas. Em *Ponciá Vicêncio*, com as rugas e as espirais dos passos da Nêngua Kainda que arrasta pés, calma e venenos, ou com os escarros de Luandi que engole na humilhação diária o que ferve na goela pra expurgar em quem surgir num degrau mais baixo, o corpo é a bússola da letra quando esfomeia, costura, sufoca, apanha ou transcende de amor. Colecionando traduções mundo afora, centrada nos poros das linhagens mulheris, Conceição borda uma obra que pulsa a fortaleza de ser grupo, atenta à hipocrisia que berra nos rebanhos e multidões. Vence a tendência ao romantismo estéril e ao realismo previsível, ao enredar em traço lento os aglomerados mineiros, o fio da subalternidade no Rio e espelhos embaçados brasis. Seu estilete talha rente e deixa florido.

DINHA

“O amor como uma pedra/ No peito, no estômago, nos olhos/ Roendo no corpo/ Parindo dores, horrores e almas penadas./ Quando eu morrer aproveitem a lápide”. Na FLIPr - Fundamentos do Lume e do Imã Preto -, Dinha traz entalhe calculado, pinceladas precisas que num repente escorrem e inundam, ressuscitam ou arreiam de vez um dia. Oferece apenas uma asa e nos conduz ao abismo. No livro *De passagem mas não a passeio*, com as pedrinhas da viela brinca jograis fatais e oferece chás de lírio, camomila e pimenta nas quenturas da letra. Noutras estrofes que já se iniciam chamando a porrada, desafia a rodar a aurora no ônibus atordoado de sonhos moídos, com mindinho pisado pelas botas enlameadas amigas. Esparramou mil fanzines e sua ira parece amena como a de quem assiste novela ou conduz um neto pela mão enquanto trama vinganças recolhida em detalhes, até que caniveta na jugular. Sem negociata de ilusão, seu humor se embebe da favela e do doutorado em Literatura Comparada, em que africaniza a biblioteca. Puxa o selo “Me Parió Revolução”, que lançou *Zero a zero - 15 poemas contra o genocídio da população negra* e é co-organizadora de *Onde estaes felicidade?* em 2016, com inéditos de Maria Carolina de Jesus. Pra estilingues e sombreado, concebe árvores assim: “Mais cedo que o dia nasce o medo/ e os olhos no soco do estômago/ Desregula os sonhos e metaboliza a angústia./ Com seu cajado de prata e de assombro/ resiste e tenta se vigiar. Espalha o deserto/ e o léxico se vinga na bolha de ar...”

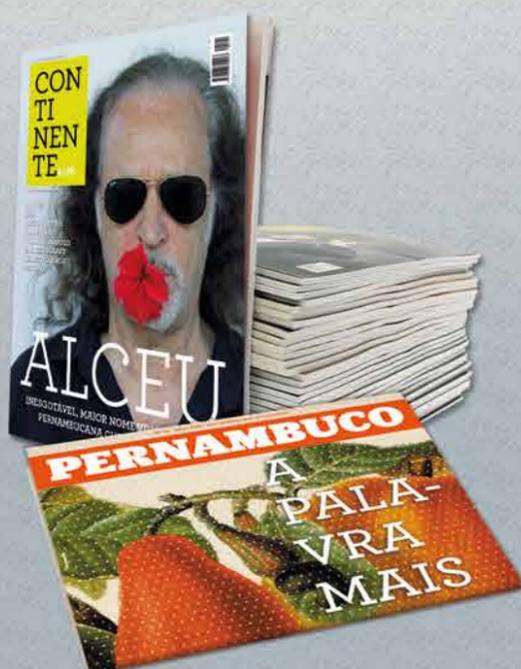
JEFERSON TENORIO

Comece a ler na madrugada e cedinho, antes do café (se tiver com que se alimentar) feche o romance terminado. Fite no teto suas concepções de tempo, de infância, de solidão e de traquinagem. Matutando com malungos antigos... onde estarão, em que frangalhos ou brindes geram o olhar, se mancam nas gangrenas ou se tem trono, se o balcão entre os copos lhes é âncora ou se entortam arame pra ter guarida no orvalho. Mapeie um cotidiano de teia de aranha que segura toneladas. Sorria murmurante e nunca mais esqueça João, o piá das perguntas de princípio que sobe e desce escadas dos prédios tremosos onde definham os abandonados, charqueando o desamparo. Algum pedaço de ti Jeferson Tenorio derreteu com suas reticências vulcânicas, seu sussurro que arregaça. Porém neste susto, entulhados alguns de seus medos e delineados muitos de seus limites, entristecido tu vai saborear literatura plena, âmago da solidão emaranhada em gente. Na FLIPr - Fundamentos da Lamparina e da Invernã Preta, eis o romance *O beijo na parede*, estrada truplicando na pequenez de ser e beijo luminoso nas almas ressecadas de Porto Alegre. História de bagunça com moribundos. Elegância equilibrando nojo.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
Revista Continente
+
Suplemento Pernambuco
0800 081 1201
e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



DO MEU TAMANHO
Daniel Lima

Coletânea de pensamentos soltos, poemas e pequenos ensaios escritos por Daniel Lima. Esta é a quinta obra do poeta publicada pela Cepe Editora, que revelou seu talento em 2011, quando publicou o livro *Poemas*. *Do meu tamanho* traz criações que transmitem emoção sem deixar de lado a reflexão filosófica.

R\$ 25,00



BUS, SIMPLEMENTE DIFERENTE
Jorginho Quadros

Bus é um ônibus construído com peças de outros carros, mas que nunca ganhou um motor. Vivendo em um salão com outros ônibus, ele sonha com aventuras, estradas, viagens... Até que um dia ele é mandado para um ferro-velho. Mas o que parecia ser o fim de Bus é o começo das realizações dos seus sonhos.

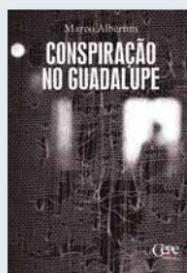
R\$ 25,00



O FUTURO PROFISSIONAL DE SEU FILHO: UMA CONVERSA COM OS PAIS
Sílvia Gusmão (Org.)

Uma preocupação dos pais durante o período da adolescência é a escolha profissional dos filhos. Escrito por psicólogas e psicanalistas consultores desta área, o livro prioriza indagações dos pais e fatores que interferem na escolha profissional, como a dinâmica da família, entre outros temas relacionados.

R\$ 30,00



CONSPIRAÇÃO NO GUADALUPE
Marco Albertim

A história acompanha um grupo de revolucionários guiados pelos pensamentos marxistas, que se reúnem em Olinda. Misturando religião e romance o livro traz lugares pitorescos, como o Maconhão, bar em que os companheiros vão comemorar. A crença nos orixás se confunde com a idolatria a Marx, em comparações constantes.

R\$ 30,00



A MENINA E O GAVIÃO - 200 CRÔNICAS ESCOLHIDAS
Arthur Carvalho

Arthur Carvalho conversa com o leitor de múltiplas maneiras através de suas crônicas. Dominadas pela oralidade e por imagens sutis da vida, tudo é tema para suas reflexões, das partidas de futebol às grandes e improváveis amizades, aliando o gosto pelas coisas populares e a literatura mais erudita.

R\$ 25,00



PERNAMBUCÂNIA: O QUE HÁ NOS NOMES DAS NOSSAS CIDADES?
Homero Fonseca

Versão infantojuvenil do livro *Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades*, trazendo os significados dos nomes das cidades que fazem parte do estado de Pernambuco. O formato didático e a linguagem clara são acompanhados por ilustrações, além dos dados informativos das regiões e algumas curiosidades.

R\$ 40,00



COMO POLPA DE INGÁ MADURO: POESIA REUNIDA DE ASCENSO FERREIRA
Valéria T. Costa e Silva (Org.)

A publicação acontece no 120º aniversário de nascimento do poeta Ascenso Ferreira, reconhecido por sua figura, seu vozeirão e suas referências populares. Ascenso conseguiu mesclar o erudito com o popular em suas criações modernistas, abusando de referências ao Nordeste com críticas, reflexões e metáforas.

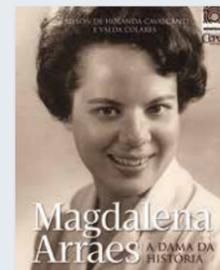
R\$ 20,00



ESCULTURAS FLUIDAS
João Paulo Parisio

Tomando como inspiração temas de variadas naturezas, como a fome e o tédio, João Paulo Parisio utiliza seu olhar criador em poemas que transmitem as diversas proporções das coisas. Os versos uma hora expandem e em outra introjetam. São esculturas fluidas carregadas da essência do autor.

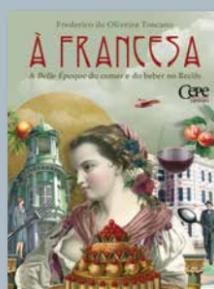
R\$ 30,00



MAGDALENA ARRAES: A DAMA DA HISTÓRIA
Lailson de Holanda Cavalcanti e Valda Colares

Primeiro volume da Coleção Memória, o livro escrito pelo cartunista Lailson de Holanda Cavalcanti e a historiadora Valda Colares aborda passagens políticas e pessoais daquela que foi por três vezes primeira-dama de Pernambuco. Magdalena Arraes concedeu depoimentos que trazem uma visão inédita sobre ela.

R\$ 50,00



À FRANCESA: A BELLE ÉPOQUE DO COMER E DO BEBER NO RECIFE
Frederico de Oliveira Toscano

Um mergulho histórico no século 20, quando a França era o centro de irradiação da cultura para o mundo. Recife também se deixou influenciar pelos francesismos, com destaque para a gastronomia, na elaboração dos pratos, confecção de cardápios, criações de armazéns importadores de ingredientes e restaurantes.

R\$ 50,00



A DÉCADA 20 EM PERNAMBUCO
Souza Barros

O livro explora aspectos políticos, socioeconômicos e culturais da década de 1920 em Pernambuco. A partir da experiência do autor e de pesquisas, o leitor mergulha no cenário da era que precede a Revolução de 1930, passeia pelas grandes obras, sente a influência da crise de 1929.

R\$ 35,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br



ARTE SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

Em maio de 1908, Katherine Mansfield anotava em seu diário: “Acabo de terminar a leitura de um livro de Elizabeth Robins, *Come and find me*. Realmente um livro brilhante, esplêndido; cria em mim uma tal sensação de poder! Sinto que agora posso realmente imaginar do que as mulheres serão capazes, no futuro”.

Em aparente contraste com a sensação de poder de que fala o trecho, a ficção de Mansfield está cheia de situações reveladoras dos temores e frustrações de suas personagens, em queda brusca no real. *A pequena governanta* se abre com um “Ah, como seria melhor se não tivesse de ser à noite!”. Ela teria preferido viajar de dia, mas é obrigada a pegar o barco noturno, em que felizmente há uma cabine “só para senhoras”. Os conselhos que recebe são: não saia do carro, não passeie pelos corredores do barco e verifique bem se fechou a porta do banheiro, quando for usá-lo. Em contos, dissemina e controla diversos sinais de alucinação que são também sinais de mau agouro e, por fim, de traumático engano.

O fascínio por essa literatura advém também do fato de que Mansfield conduz tanto suas personagens numa cadência deliciosamente perversa, espécie de espetáculo em grande angular da ascensão e queda de uma ilusão de felicidade, em que as sensações contrastam e contradizem a realidade que as produziu. O olhar se abre, a sensação se degrada, ou como disse Ana Cristina Cesar – leitora aguda e tradutora de Mansfield – o *bliss* é moeda falsa. Toda uma poética de desmascaramento do real, e fundamentalmente do real das mulheres.

Mansfield morreu aos 34 anos. Quando a tuberculose avançou sobre seu corpo, foi nas visões da natureza que encontrou novas “sensações de poder”. Fauna e flora tornam-se um antídoto, e do mais precioso. Não apenas paixão pelo detalhe, mas identificação com outras formas de vida: “quero ser um crocodilo”, “quando passo por uma banca de maçãs, paro e fico olhando até sentir que como se eu própria estivesse me tornando uma delas”. Em outros momentos, se sente tomada por uma alegria pueril, vontade de dar pulinhos sozinha no quarto. Não muito diferente de Bertha, a protagonista do célebre conto *Bliss*

que, numa explosão de afetos, deseja correr em vez de caminhar ou rir à toa.

Sobre Mansfield, Virginia Woolf certa vez declarou: “A única escrita que invejei”. Esdras Nascimento conta que após a leitura de *Bliss*, Woolf tomou um porre e ficou gritando coisas do tipo “eu morro de inveja dessa mulher”. Mansfield escreveu resenhas de livros de Woolf, e sua admiração pela autora inglesa não era tampouco livre de tensões e sentimentos contraditórios. Interessa então voltar ao trecho do diário de Mansfield em que uma outra política da leitura, e da leitura de mulheres por mulheres, parece querer se esboçar.

Quem é a autora do livro que faz Mansfield vislumbrar o empoderamento das mulheres como um tipo de experiência coletiva e irrecusável, muito antes da existência do termo? Elizabeth Robins, autora de *Come and find me* foi uma sufragista, produtora teatral, escritora e importante atriz norte-americana, a primeira a levar aos palcos britânicos as controversas peças de Ibsen. Interpretou Hedda em *Hedda Gabler*, Nora em *Casa de Bonecas* e Hilda em *Construtor Solness*. No final do séc. XIX, Robins já havia percebido o tipo de exploração a que os agentes teatrais submetiam as atrizes e criou a sociedade New Century Theater através da qual viria a produzir montagens de Ibsen de maneira independente e fora do circuito comercial. O romance *The Magnetic North*, de 1904 e *Come and find me* de 1908 resultam da viagem realizada por Robins ao Alaska em 1900, em busca de seu irmão, Raymond Robins, de quem ficou sem notícias durante muito tempo. Não creio que sejam grandes romances, mas não são meras traduções de ideais, são relatos de um processo, o da experiência de quem procura refundar a liberdade na prática.

Hoje, o termo *empoderamento* remete tanto ao plano da reivindicação da justiça social quanto ao da invenção de novas formas de pensar e de sentir que determinam novos modos de agir, dizer e intervir. Também podemos encará-lo como substituto e reconfiguração da desalienação ou da consciência crítica, presentes desde Kant, mas cuja referência mais importante está nos escritos de Marx sobre crítica ideológica. Tanto no empoderamento quanto na desalienação

subjaz a ideia de uma vivência que transforma o sujeito de forma irreversível – muito além de uma opinião ou de uma visada crítica tradicional, na qual há manutenção da distância entre o sujeito e o objeto de reflexão – uma experiência que só se confirma a partir de um desengano, atingindo um nível mais alto de aprendizagem.

Diferente da consciência crítica, o empoderamento seria a capacidade de criar uma dimensão existencial que reconfigura e altera a subjetividade ao assumir as consequências possíveis da sua própria ação. Portanto, pensá-lo no campo da experiência literária permitiria talvez reconsiderar o papel da identificação com as ações ficcionais. O escândalo do final da peça *Casa de Bonecas* de Ibsen, em que vemos a protagonista no limiar da saída de casa, deixando para trás marido e filhos, reside na ausência de um juízo sobre a personagem embutido na peça. Bernard Shaw chamou esse tipo de desfecho sem desfecho de “discussão”, uma vez que projeta o dilema para o público. A radicalidade dessa técnica fez com que vários encenadores, ao remontarem a peça, tenham alterado o seu fim, para evitar esse desamparo interpretativo. A ficção deixa de ser o lugar da encarnação de uma verdade construída para ser o lugar em que algo se desarma, trazendo à tona o engodo das relações sociais azeitado pela cultura.

Se o feminismo hoje produz uma nova partilha das vozes, dos saberes e dos poderes, a literatura tocada por ele desencadeará novos arranjos entre escrita e leitura, entre leitor e texto. Na base desse novo pacto de leitura, talvez exista para nós a possibilidade de articular a crueldade de Mansfield à sensação de poder que esta experimentou nas leituras de Elizabeth Robins. Nem a nostalgia, nem os modelos vazios, nem a solidariedade emotiva, nem a pretensão lacradora da inversão irônica, nem a literatura como escola, nem a visita-guiada ao drama do mundo... Não é seguro nem certo que os novos arranjos tenham de se dar no campo da ficção, não sabemos mais escrever essa literatura, e é certamente um desafio pensar qual literatura – em um sentido amplo – é capaz de sustentar e aprofundar a nossa crise.

A face de górgona

Aos 26 graus da constelação de Touro, a cada 68 horas, um eclipse binário sela o destino de alguém aqui na Terra, diz o manual da astrologia clássica. É ela: Algol, a cabeça da medusa; Algol, a maléfica; Algol, a estrela do demônio. Para os paroxismos medievais, o brilho alternante de Algol significava desgraça, morte, acidentes e eventos terríveis. “O olho da Medusa”, como os gregos a conheciam, era, no céu, o prenúncio de um fim trágico: enforcamento, eletrocussão, degolamento. Não admira que seja uma estrela feminina numa cultura cuja difusão da imagem da mulher esteja ligada à *persona* da feiticeira (Medeia, Circe), à da encantadora (sereias, ninfas) ou à origem do mal (Eva, Pandora, Helena). Não admira que esse estigma tenha sido difundido na Idade Média, época na qual, não por acaso, os livros se disseminaram; mas o corpo passou a ser reconhecido como algo para ser escondido – por meio de um discurso moralizante no qual homens e mulheres se reconhecem no papel que deveria lhes caber. Num exercício de arqueologia mítica, esse papel se encontra nas narrativas orais, no inconsciente coletivo que não tem nada de espontâneo. O inconsciente coletivo é uma construção social, não biológica.

Hoje, quando falamos de cultura do estupro não é ao homem que devemos olhar para condenar ou demonizar. É reducionista e instrumental pensar no homem como ponte de origem da misoginia. O olho deve se voltar para as instituições que construíram uma cultura marcada por uma visão androcêntrica, na qual mulheres eram comparadas a anjos caídos, demônios, serpentes tentadoras dispostas a des(virtuar) o homem do seu caminho do bem. Na tradição oral e, posteriormente, escrita nos deparamos com o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu chama de violência simbólica, a mais sutil e imperceptível e à qual devemos nos ater para reconhecer esse poder aparentemente invisível.

Assim, descortinando-o, aprendemos a lógica da dominação: ela não tem um efeito devastador materializado de maneira clara, objetiva. Pelo contrário, é sutil, sorrateira. A dominação não está num vídeo de estupro que circula na Internet. Isso é a barbárie. Um regresso no processo civilizador. A dominação se impõe, eis sua astúcia, como um véu com o qual nos atemos à fantasia encantadora da história, miticamente sedutora, de tal forma, que não a percebemos como a legitimação de um *ethos* próprio ligado à centralização do poder do homem. E seus desdobramentos: o abuso físico e moral do poder. Com isso, a naturalização, por exemplo, de uma cultura que banaliza a violência contra mulher. Ora, os mitos, histórias infantis e os símbolos desse inconsciente coletivo apontam como uma ordem quase inexorável o destino do feminino como ser passivo. Isso está na *Teogonia*, de Hesíodo, e na *Odisseia* e *Ilíada*, de Homero. Livros seminais para a história da cultura ocidental. Relidos por escritores, sociólogos e pelo dr. Freud, que bebeu na fonte inesgotável da cultura grega para compor suas tipificações acerca do comportamento sexual humano.

Nesses livros, sabemos, por exemplo, que o aventureiro e fanfarrão Júpiter se transmutava em bichos e elementos da natureza para copular com as mulheres que despertavam seus encantos. São inúmeras as histórias das investidas “sensuais” de Júpiter. Mas a mais emblemática é o rapto de Europa. Júpiter se transformou em um garboso touro branco para levar Europa montada em seu dorso até os confins do Egito. Europa rodopiou por anos até voltar à sua terra natal. Prosérpina, filha de Ceres, deusa da agricultura, fora raptada por Hades, deus do inferno e seu tio, quando ainda era uma adolescente. Virou rainha dos portais do inferno. Condição à qual só chegou a ser após consentir com o casamento forçado – isso sem que antes tenha sido, digamos, “dopada” por encantadoras sementes de romãs oferecidas por Hades.

Algol nada mais é que o símbolo da cabeça de Medusa, degolada por Perseu num ato mais de sorte do que astúcia. Sacerdotisa do templo de Palas Atena, Medusa foi estuprada por Netuno, um deus irascível e insaciável sexualmente. Medusa era uma linda adolescente de longos cabelos pretos quando foi, grávida, transformada numa górgona, com cabelos de serpentes e olhar petrificante. O motivo: não era mais casta, portanto indigna de pertencer ao templo de Atena, uma das deusas mais severas do Olimpo. Coube a Perseu dar cabo, posteriormente,

da temível Medusa, que, vejam só, aterrorizava os homens que por ela passavam e não conseguiam desviar do seu olhar. Do sangue que jorrou de sua cabeça, nasceu Pégaso. Tragédia que para alguns mitólogos significaria a relação visceral entre mãe e filho. Com toda essa farta narrativa de força e poder subjugando o feminino, nada mais natural que outra condição sobre ele tenha sido imperceptível. Já que o passivo pertence a um sistema de conhecimento “reconhecido” e dominado institucionalmente. Quando se recupera o poder da mulher na história, ele sempre está envolto em uma aura “esotérica”: bruxas, deusas-mãe, feiticeiras. Consequência óbvia do feminino visto como histeria. Lilith, por exemplo, só aparece brevemente na narrativa bíblica em Isaías. Diz-se que fora a primeira mulher de Adão. “Rebelde”, recusou-se a dormir embaixo dele e, por isso, fora banida do seu lugar de esposa. Nas culturas orientais, Lilith está sempre retratada nua e com animais. Em ambos os discursos, é considerada um dos primeiros demônios.

A mitologia judaico-cristã e, principalmente, a greco-romana legitimaram a misoginia de forma tão sutil, que chegamos a nos encantar com Helena, cuja beleza causou a Guerra de Troia. A entrelinha aqui é: os encantos físicos de uma mulher garantem uma disputa bélica que fazem os homens serem ressaltados como heróis. Por ela, Páris iniciou a Guerra de Troia. Teve filha sacrificada pelo pai, Ifigênia; esposa assassinando o marido, Clitemnestra. Enquanto Helena, e nós, hoje, deveríamos ser agraciadas com o dom da perfeição estética. Uma forma lúdica de relatar as virtudes do macho alfa, dominante por sua força física. A misoginia precede o machismo e o sistema patriarcal. É a aversão ao feminino e seu subjugamento. Em *Mitologia*, Christopher Dell aponta que houve um *turning point* para que a divisão entre os sexos se tornasse uma centralização de poder e a misoginia se inaugurasse, então, como um discurso de aversão. Antes da divisão do trabalho, que começa com a especialização da agricultura no Paleolítico, o feminino era venerado, pois se tratava de uma relação atávica com a natureza. Isso tem relações estreitas com os ciclos do corpo feminino, sobretudo menstruação, gravidez e amamentação. Havia, numa sociedade primitiva, uma correlação desses períodos com os ciclos da lua e, portanto, com a natureza desconhecida e temida. De tal forma, a mulher era associada a algo sagrado. Em algum momento da História, o homem percebe que não é a lua cheia que dá a vida ao corpo feminino, mas seu próprio sêmen.

Em *A dominação masculina*, Bourdieu relata uma dessas percepções:

“Foi na fonte (tala) que o primeiro homem encontrou a primeira mulher. Ela estava apanhando água, quando o homem, arrogante, aproximou-se dela e pediu de beber. Mas ela havia chegado primeiro e ela também estava com sede. Descontente, o homem a empurrou. Ela deu um passo em falso e caiu por terra. Então o homem viu as coxas da mulher, que eram diferentes das suas. E ficou paralisado de espanto. A mulher, mais astuciosa, ensinou-lhe muitas coisas: ‘Deita-te, disse ela, e eu te direi para que servem teus órgãos’. Ele se estendeu por terra. Ela acariciou seu pênis, que se tornou duas vezes maior, e deitou-se sobre ele. O homem experimentou um prazer enorme. Ele passou a seguir a mulher por toda parte, para voltar a fazer o mesmo, pois ela sabia mais coisas que ele, como acender o fogo etc. Um dia, o homem disse à mulher: ‘Eu quero te mostrar que eu também sei fazer coisas. Estende-te, e eu me deitarei sobre ti’. A mulher se deitou por terra, e o homem se pôs sobre ela. E ele sentiu o mesmo prazer. E disse então à mulher: ‘Na fonte, és tu (quem dominas); na casa, sou eu’. No espírito do homem são sempre estes últimos propósitos que contam, e desde então os homens gostam sempre de montar sobre as mulheres. Foi assim que eles se tornaram os primeiros e são eles que devem governar”.

Mitos e símbolos foram, num período de um discurso pré-escolástico, estratégias usuais de dominação, nas quais ao homem se atribuía, sobretudo, o conceito de honra, virtude e peripécia moral. Com sua disseminação, instituiu-se, assim, o ideal de ação e poder, que vamos encontrar, ainda, nos romances de cavalarias medievais, com guerreiros montados a cavalos e princesas presas em torres esperando pelo dia em que sejam libertas. Ou se



formos mais adiante: nos romances modernos em que cabia às mulheres esperar pelo ser amado como um ideal de amor platônico.

À exceção de algumas comunidades ou figuras femininas rebeldes (as amazonas gregas, as valquírias escandinavas ou a Lilith mesopotâmica) toda a mitologia greco-romana está pautada na polarização existente em feminino e masculino dentro da qual se destacam honrarias aos feitos heroicos de Perseu, Ulysses, Hércules e tantos outros heróis que a fundamentam. Isso se traduz em um discurso estabelecido ao longo dos séculos pelas instituições sociais: família, igreja, escola, primeiramente. São elas, a princípio, que começaram a disseminar essas histórias maravilhosas, fantásticas, de superações e conflitos morais com as quais nos identificamos num nível catártico. Ulysses é escolhido para o combate na Guerra de Troia, a contragosto. Não bastou ter o azar de ser um homem de honra, mas teve a infelicidade de levar 20 anos para voltar à Ítaca, sua terra natal. Tal odisséia é essencialmente a jornada de qualquer ser humano em busca de seu próprio destino.

Mas não é estranho? Enquanto Ulysses enfrenta gigantes, tempestades, feiticeiras, sereias e prisões, Penélope, sua esposa, fica em casa fiando um manto sem fim. Bourdieu arremata bem: “a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponí-

Mitos e símbolos foram estratégias de dominação, nas quais ao homem se atribuía o conceito de honra, virtude e peripécia moral

veis. Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser”.

O termo *androcentrismo* foi desenvolvido no início do século XX, pelo antropólogo Lester Ward, para tentar explicar a centralização do homem ao longo da história. Os mitos são apenas uma parte da

origem das narrativas pré-modernas e narrativas nada mais são do que formas de contar histórias que existiram na fantasia ou tiveram, de fato, seus elementos realísticos relidos pelo mito, através de caracterizações arquetípicas. No mito, entramos em contato com a raiz da dominação masculina em diversas culturas, ocidentais e orientais. Encontrar a gênese dessa origem é tarefa especulativa, mas pela arte e pelos próprios mitos, escrito e difundido por homens, é possível perceber o feminino como algo a ser evitado, combatido ou dominado – mesmo quando se tratam das mulheres que são vossas filhas, netas ou esposas. Os contos populares dos Irmãos Grimm, por exemplo, no século XIX, trazem relatos de histórias orais com incesto, casamentos forçados e sedução de adolescentes. Numa das versões da *Bela Adormecida*, do italiano Gianbattista Basili, Aurora está no seu sono profundo quando é estuprada por um rei. O que a desperta é o nascimento de gêmeos, que chupam seu pé e retiram o espinho enfeitado.

Nesse sentido, encontramos, assim, uma verdadeira odisséia da misoginia como um elemento naturalizado pela arte, literatura e história. Cabe aqui uma citação de Engels, quando fala sobre a origem da propriedade privada: “A mulher foi degradada, convertida em servidora, em escrava do prazer do homem e em mero instrumento de reprodução. Esse rebaixamento da condição da mulher, tal como aparece abertamente sobretudo entre os gregos dos tempos heroicos e mais ainda dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocado, dissimulado e, em alguns lugares, até revestido de formas mais suaves, mas de modo algum eliminado”.

RESENHAS

BRUCE DAVIDSON / DIVULGAÇÃO



NY nos anos 70: uma urbe entre o som e a fúria

Romance *Cidade em chamas* retrata uma época mítica para além dos clichês burgueses

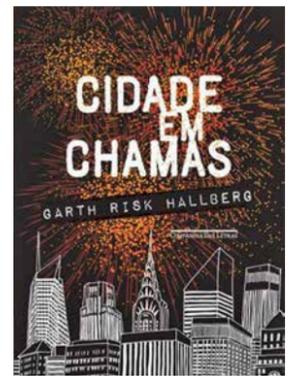
Schneider Carpeggiani

A expressão “Nova York” cintila certos sinônimos que hipnotizam a nossa classe média, ainda que em tempos de crise. É uma cidade gorda, de tênis Nike+Adidas, de bugigangas com aquela marca da maçã pululando entre sacolas, da rede de restaurantes Eataly e que ainda carrega as sombras de um *cosmopolitan* às 3h da tarde, tal e qual a série *Sex and the city* um dia vendeu para o mundo. É um templo de diversão seguro, burguês e perfeitamente gentrificado. Mas não é dessa cidade que estamos aqui falando. Volte no tempo. Rebobine algumas décadas e estacione em meados dos anos 1970. Nova York aqui é suja, perigosa. Você pode dar um passeio pelas ruas e não mais voltar para casa. O *wild side* – a sarjeta – é em todo lugar. Andy Wahrol fotografa os notívagos. Patti Smith e Mapplethorpe vagam juntos por suas ruas. Há pouco, Iggy Pop

havia dito que queria “ser seu cachorro”, há pouco existia O Velvet Underground e o New York Dolls falava de garotos sem lar, que precisavam de uma carona de volta para casa. A disco music despontava turbinada por cocaína e o hip hop dava seus primeiros passos. O ambiente era hostil, o ar pesava, mas existia uma *marquee moon* lá em cima. É justamente essa época de NY que parece agora voltar a receber atenção. Bons exemplos da retomada histórica: a série de TV *Vinyl*, criada por Mick Jagger e Scorsese, e o romance-tijolo *Cidade em chamas*, do novato Garth Risk Hallberg, que a Companhia das Letras lançou há pouco. Com menos de 40 anos, Hallberg não viveu o período de som e fúria da sua história. Talvez por isso, o livro tenha de forma tão evidente uma inspiração musical, quase como uma trilha sonora a percorrer suas páginas: os discos *Horses*,

de Patti Smith, e *Marquee moon*, do Television. É a música desses artistas que faz a aura da cidade até hoje. Pense em NY dos anos 70, que inevitavelmente uma playlist começa a tocar na sua cabeça. A escrita “rockista” de Hallberg acontece entre os primeiros sete meses entre os anos de 1976 e 1977. São histórias de “neonovaiorquinos” ou de gente perdida, aparentemente sem um elo, que se encontram no famoso tiroteio ocorrido no Central Park durante a noite de réveillon. É quando a urbe imensa e impessoal se abre como um vilarejo diante do caos emocional que uma tragédia instala. Para segurar a teia de histórias que o livro se propõe ambiciosamente a narrar, Hallberg lança mão de uma escrita mista, que se alastra por vários formatos: do mais “tradicional” aos momentos em que o livro se abre como um zine ou uma reportagem de jornal. O autor não

quer perder nenhum pormenor da cidade que trata como musa. E, a seu favor, ele tem uma forma de escrever madura, em que momentos tensos e poéticos se entrecortam por vários momentos. Ainda assim, mil páginas não deixam de ser exagero. Se fosse uma playlist, *Cidade em chamas* precisaria tirar umas três faixas para ficar no ponto.



ROMANCE

Cidade em chamas
Autora - Garth Risk Hallberg
Editora - Companhia das Letras
Páginas - 1040
Preço - R\$ 69,90

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

FESTIVAL DE INVERNO

Além dos shows musicais, a literatura marca presença em mais um *Festival de Inverno*

De 21 a 30 de julho, Garanhuns e seu entorno, no Agreste de Pernambuco, vive dias intensos de cultura, literatura e lazer. A parte literária da programação do 26º *Festival de Inverno de Garanhuns (FIG)*, que inclui feira de livros, palestras, contação de histórias e outros eventos, será realizada na Praça da Palavra Luzinete Laporte de Carvalho, com a previsão de receber mais

de 50 mil pessoas durante os dias de programação. Em 2015, o evento passou a investir ainda mais nessa área, tendo como homenageada principal a escritora Luzilá Gonçalves (foto), natural de Garanhuns, que tem mais de 30 livros publicados, alguns dos quais pela Cepe Editora, entre contos, romances, ensaios, biografias e literatura infantojuvenil.

HÉLIA SCHEPPA / ARQUIVO PERNAMBUCO



DIVULGAÇÃO



Tempo de reler Ana C.

Na contagem regressiva da *Flip*, forte grifo nesse trabalho da editora E-galáxia, que lança agora uma reedição em e-book de um dos livros mais importantes para se entender a obra (e o devir poético) de Ana Cristina Cesar. Com organização de Heloisa Buarque de Holanda e Armando Freitas Filho, *Correspondência incompleta* traz cartas de Ana C. para a própria Heloísa, Clara de Andrade Alvim, Maria Cecília Londres Fonseca e Ana Candida Perez. Falar que são simplesmente cartas, aliás, não faz jus ao teor literário dessa reunião de textos. Ana Cristina Cesar usa dessas missivas para exercer ali o malabarismo e o rigor, a trivialidade da rotina e a abstração da existência: “aqui é a maior *egotrip* do mundo, especialmente quando passa aquele delírio inicial em que até supermercado é *exciting*. Às vezes vou passando, passando e acho que o lado de fora não

existe quase”. A lembrar que, além desse livro, a mesma editora lança na *Flip* outras obras relacionadas à poeta, que estavam fora de catálogo: *Ana Cristina Cesar - O sangue de uma poeta*, de Ítalo Moriconi e a antologia da “geração mimeógrafo”, *26 poetas hoje*. Em outra frente, a Cia das Letras relança *A teus pés*, livro que lançou a poeta carioca. **(Carol Almeida)**



CARTAS

Correspondência incompleta

Autora - Ana Cristina Cesar

Editora - E-galáxia

Páginas - 314

Preço - R\$ 12

DIVULGAÇÃO



Em nome da catástrofe

Em *Saló ou os 120 dias de Sodoma* (adaptação de Pasolini para a obra do Marquês de Sade), escutamos: “Tudo é bom se for excessivo.” Tal aspecto de desmando perpassa toda a produção do filósofo francês, e está acompanhado da representação de um sujeito que se coloca no limite. Sade mantém pensamento e corpo no abismo, pois só neste lugar é que encontramos certo imaginário redentor. Nessa perspectiva, a poeta e ensaísta Annie Le Brun investiga a concepção do desastre. Com apresentação de Eliane Robert Moraes, tradução e posfácio de Fábio Ferreira de Almeida, o volume traz um texto dos mais interessantes acerca do tema. Ela observa como a presença da catástrofe na sociedade ocidental mudou ao longo dos

séculos – o tecnicismo e as atividades nucleares (Chernobyl, Fukushima) sufocaram o imaginário catastrófico e suas possibilidades críticas. Uma ideologia da resignação nos ronda, mas, segundo a autora, encontramos antídotos para estes tempos de conformidades absolutas. **(Priscilla Campos)**



ENSAIO

O sentimento da catástrofe

Autora - Annie Le Brun

Editora - Iluminuras

Páginas - 96

Preço - R\$ 38

PRATELEIRA

ESTADO E CINEMA NO BRASIL

Nesta terceira edição, revista e ampliada, do estudo de Anita Simis, que identifica e compara a relação entre Estado e cinema no Brasil, nos regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, e a democracia, são detalhados aspectos políticos relacionados à economia e à legislação cinematográfica, em pesquisa aprofundada sobre o desenvolvimento do cinema brasileiro que fornece elementos importantes para a compreensão do momento atual dessa indústria.



Autora: Anita Simis

Editora: Unesp

Páginas: 304

Preço: R\$ 64

DESLOCAMENTOS E PARENTESCO

No momento em que o mundo vive intensamente a questão migratória provocada por guerras, vale a pena conhecer a obra do antropólogo Renó Machado, que tenta entender as relações entre parentesco e fenômenos migratórios, a partir de conjuntos etnográficos e elementos da etnicidade, reunindo ensaios sobre temas recorrentes no Brasil, como a situação das mulheres imigrantes, dos estudantes africanos e dos decasséguis no Japão.



Autor: Igor José

de Renó Machado

Editora: EdUFSCar

Páginas: 212

Preço: R\$ 32

A CADERNETA VERMELHA

Romance francês, ambientado nas ruas de Paris, onde se desenvolve uma trama de mistério envolvendo a perda de uma caderneta vermelha, encontrada pelo livreiro Laurent Letellier, que passa a procurar a autora das anotações, ideias e pensamentos que o encantam. Sem pistas sobre a dona da caderneta, da qual não sabe o nome, o livreiro empreende uma busca desesperada: como encontrar uma mulher desconhecida entre milhares de habitantes?



Autor: Antoine Laurain

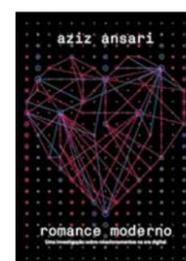
Editora: Alfabeta

Páginas: 132

Preço: R\$ 34,90

ROMANCE MODERNO

Escritor, comediante e ator, Azis Ansari discute seriamente o romance moderno. Junto com o sociólogo Eric Klinenberg, da Universidade de Nova York, ele pesquisou em vários países, analisando dados comportamentais e entrevistando milhares de pessoas, além de criar um fórum e receber ajuda de pesquisadores sociais. O livro *Romance moderno*, traça um perfil do novo universo romântico no mundo em tempos de redes sociais.



Autor: Azis Ansari

Editora: Paralela

Páginas: 288

Preço: R\$ 44,90

AUTORIA LITERÁRIA

Laboratórios do Sesc-PE definem programação

A partir de 2 de julho o Laboratório de Autoria Literária Ascenso Ferreira, no Sesc Santa Rita, inicia o evento Arte da Palavra, das 9h às 17h, com o tema *O que é literatura infantojuvenil “por” ou “para”*, com Liliane Jamir; no dia 16 o tema é *O papel da escola na formação do leitor*, com Robson Teles. A última palestra será no dia 30, com Ângela Café falando sobre *Contação de histórias: conceitos e metodologias*.

AUTORIA LITERÁRIA 2

Teatro e oficinas enriquecem eventos

Dia 20, o evento *O Escritor é um Espetáculo* terá Mariângela Haddad, autora de *O mar de Fiote*, que será encenado por alunos da UFPE no dia 21, às 19h, no Teatro Arraial. Dia 27, Alessandro Souto Maior fala na Escola Manoel Borba, Boa Viagem, e dia 28, às 19h, o Coletivo Sinergia de Teatro apresenta no Arraial a peça *Jeremias e as Caraminholas*. De 25 a 29, oficina de contos com Fernando Farias, na Biblioteca Popular de Afogados.

CONCURSO

Prorrogadas as inscrições do Prêmio Cepe de Literatura

Termina no dia 15 o prazo de inscrições ao 2º Prêmio Cepe Nacional de Literatura, que contempla as categorias Romance, Conto, Poesia e Literatura Infantojuvenil, e oferece um total de R\$ 80 mil, além de publicação das obras vencedoras. Mais de 500 pessoas já estão concorrendo, de praticamente todos os estados, além de brasileiros residentes no exterior. O resultado será anunciado no dia 16 de novembro.



José CASTELLO

ARTE SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Os sintomas da poesia

Não consigo me afastar da *Poesia completa* de Manoel de Barros, publicada pela Leya, em edição de capa dura, no ano de 2010. Quanto mais leio, mais releio, mais retorno, em uma ruminância sófrega que ousa chamar de poética. Ou que, pelo menos, imita a poesia. Nessas idas e vindas, estaquei em um livro em particular: o *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, o décimo quinto livro de Manoel, publicado no ano de 2001.

Logo na primeira parte, em um poema chamado *A disfunção*, Manoel de Barros apresenta uma síntese de seu saber poético, compactada nos sete “sintomas da disfunção lírica”. Ótimo tema, o da disfunção, para os dias atuais. Vivemos, hoje, estranhos e incômodos tempos conservadores, nos quais a eficácia e a felicidade se confundem com a norma. A intolerância, em conseqüência, se dissemina. Há uma busca frenética do “produtivo” e da uniformização. As diferenças se tornam insuportáveis, senão intoleráveis. Em um momento como o nosso, nada melhor do que recorrer à poesia.

Lembra Manoel em seu poema que o lugar-comum diz que poeta é aquele que tem “um parafuso a menos”. Corrige: “Sendo que o mais justo seria o de ter um parafuso trocado do que a menos”. Aqui surge a diferença – a troca – como valor poético. Prossegue Manoel: “A troca de parafusos provoca nos poetas uma certa disfunção lírica”. Mas é justamente a troca – a diferença – que se torna cada vez mais insuportável. No difícil período de nossa história, todos se agarram à salvação pelo Um. Tal posição só leva ao estigma e à paranóia. Trata-se, por excelência, de uma posição antipoética – uma posição que assassina a poesia.

No entanto, sigo os passos de Manoel de Barros, precisamos, mais que nunca, nos agarrar aos sete sintomas que definem o poeta. O primeiro deles fala da aceitação da inércia – proposta que parece abjeta em um mundo que se define, antes de tudo, pela velocidade. Não há poesia, no entanto, sem paralisia. Só a resistência à aceleração cria as condições necessárias para que o poema nasça. Só ela, diz Manoel, pode “dar movimento às palavras”.

Em um tempo dominado pela racionalidade e pelo pragmatismo mais absurdo – segundo sintoma –, precisamos desenvolver a “vocação para explorar os mistérios irracionais”. No desespero da turbulência contemporânea, muitos se agarram ferozmente ao recurso da razão. Não uma razão razoável, mas uma razão monolítica, impenetrável e, sobretudo, cheia de ódio. Contudo, sem a aposta nos elementos irracionais, não existe mundo suportável. Sem eles, não há poesia.

Precisamos também – terceiro sintoma – lutar contra a tendência obsessiva de caminhar sempre em linha reta. Como se o mundo fosse uma eterna corda bamba, da qual jamais podemos nos desviar. Ao contrário, aposta Manoel na potência dos desvios. O poeta é aquele que consegue enxergar “contiguidades anômalas” entre as palavras. A ênfase aqui está na idéia do anômalo, isto é, daquilo que está fora de ordem, fora das normas estabelecidas. É preciso ter a ousadia de não seguir as regras gerais do bom senso, do equilíbrio e da recompensa para fazer poesia. Ao escrever seus versos, o poeta não tem lucro algum, ele não ganha nada. Ao contrário: até perde. Mas esse desperdício (esse resto, que ninguém quer porque não apresenta utilidade) é justamente a poesia.

Quarto sintoma: não temer o que Manoel chama de “casamentos incestuosos”. O recado aqui é para os defensores do bom senso. Para os que se agarram aos padrões vigentes, aos modelos da moda, aos pensamentos dominantes. O que é o incesto senão uma relação considerada impura? Também o poeta experimenta relações, vínculos, experimenta paralelos que, em geral, são desprezados como nocivos. Aqui é também a idéia do nocivo que se ataca, para erguer em seu lugar o primado da invenção.

Chegamos – quinto sintoma – ao amor do “desimportante”. No mundo de hoje, todos querem prestígio, fama, sucesso e mais sucesso. A idéia da derrota se torna intolerável. Tornar-se pequeno é se tornar amaldiçoado. Pois sem a opção pelo pequeno, diz Manoel, não existe poesia. Aqui – sexto sintoma – é preciso valorizar aquilo que, no geral, se considera

infeliz, ou grosseiro. Escreve: “Mania de dar formato de canto às asperezas de uma pedra”. O que está em jogo nesse ponto é uma aposta apaixonada na transformação. O poeta não vê o que vê – vê o que quer ver. Primazia do desejo em um mundo apático e infeliz, regido pelas obviedades.

Sétimo e último sintoma do poeta: a “mania de comparecer aos próprios desencontros”. Estar onde não se está. Deslocar-se. Ausentar-se para, de uma forma torta e invisível, estar enfim presente. Ao poeta não agradam os crachás e as placas de sinalização. Não agrada a idéia de uma identidade fixa, que pode ser nomeada. E que se torna, no fim das contas, uma espécie de gaiola para a liberdade. O poeta está sempre em desajuste consigo mesmo. Por isso, para muitos ele parece indigno de confiança e, até mesmo, um mero falsificador. Parece um embusteiro.

Atributos – sintomas – da poesia cuja potência se intensifica em nosso pobre mundo cheio de almas submissas a algozes imaginários. Cheio de guardas do espírito. De disciplinadores. De pessoas que falam, cada vez mais, com o peito estufado, em nome da lei. Não se trata aqui de desprezar a lei, mas de verificar a que ela serve. Serve à vida, ou serve à morte? A poesia é sempre um caminho para o nascimento. Em princípio, como Manoel nos diz em versos mais à frente, “tudo pode ser”. Aos inspetores espirituais e aos vigilantes de bons modos resta a degola da repetição. Resta a sufocação – a asfixia mais extrema.

Vivemos, hoje, dias um tanto “sem ar” – como se o mundo tivesse se transformado em um grande porão. Há um mal estar que se generaliza. Há uma dor difusa que parece incompreensível – porque vem de todos os lados. Ler a poesia de Manoel de Barros ajuda a arejar o espírito. Como se abrissemos mil janelas que nos trouxessem, enfim, o sol. Por isso, o poeta matogrossense se torna cada vez mais importante: ele nos ajuda a viver em tempos sem nuances, no qual o paradoxo da poesia é não só desprezado, mas criminalizado. A poesia, no entanto, pode nos salvar. Os versos de Manoel estão aí, para quem deles desejar se servir.